

**A casa nucingen**

**Honoré de Balzac**

## INTRODUÇÃO

O narrador desta história, ao jantar num restaurante elegante de Paris em companhia feminina, surpreende por acaso a conversação de quatro conhecidos que, refestelados do outro lado de um tabique, não percebem a presença do casal. Mantendo silêncio, vem a aprender como duas pessoas importantes, o barão de Nucingen e Eugênio de Rastignac, construíram a sua fortuna.

Por mais engenhosa que seja, essa apresentação peca por inverossimilhança: como o narrador (Balzac?) foi capaz de reter e reproduzir palavra por palavra todo o debate e, até, os gestos e os trejeitos dos quatro comensais? Mas as revelações feitas são de tamanho interesse que o leitor simplesmente esquece esse defeito de construção.

Publicado com a mesma data de *César Birotteau* (novembro de 1837), *A Casa Nucingen* (em francês: *La Maison Nucingen*) devia, na ideia de Balzac, fazer contraste com aquele. “As duas histórias nasceram gêmeas”, lemos no Prefácio à edição de *César Birotteau*, desaparecido das outras edições. “Quem ler *César Birotteau* deve, portanto, ler *Nucingen*, se quiser conhecer a obra completa.”

O barão de Nucingen é em tudo o oposto de César: este é honesto, ingênuo e fraco; aquele, velhaco, inteligentíssimo e robusto. Segundo as leis do universo balzaquiano, tão parecidas com as do nosso, o “lince” da alta finança vence, o “anjo bom” da perfumaria sucumbe.

Que diferença enorme, contudo, entre as duas narrativas! A história de César, exposta com amplidão épica, é um exemplo da transfusão de matéria moderna em formas clássicas... Na de Nucingen tudo é moderno: tanto o assunto como a forma. Essa série de especulações, truques e golpes concertados entre cúmplices entendidos, esses crimes comerciais não previstos em nenhum Código são contados num estilo nervoso, rápido, irônico, ora familiar, ora dialetal. Não é por acaso que nesta novela Balzac cita *O sobrinho de Rameau*, de Diderot, outra obra-prima “modernista” não menos exuberante, irregular e torrencial, e, também, perpassada de um terrível pessimismo.

Contada em primeira pessoa, a novela consiste, toda, numa conversa de quatro convivas de restaurante, quatro aventureiros que já encontramos ora neste, ora naquele recanto do mundo balzaquiano, sobre a origem da fortuna de Rastignac e de Nucingen, duas figuras de primeiro plano desse mesmo mundo. O assunto da conversa, por si só, deve interessar a todos os leitores de *A comédia humana*. Mas, indiretamente, o autor caracteriza também de maneira admirável os interlocutores, sobretudo Bixiou, personagem amoral mas de uma atração irresistível, ao mesmo tempo representante, público, vítima e juiz do século XIX.

Sainte-Beuve declarava, com certo orgulho, que nada entendera de *A Casa Nucingen*, demonstrando apenas, com essa afirmação, que não tinha as antenas sensíveis de Balzac e não vivia o século como este. Admitiremos que o enredo é dos que nunca antes apareceram em romance (mas sim inúmeras vezes na realidade) e que exige do leitor uma atenção inteligente; mas, quanto à condenação sumária, atribuí-la-emos à prevenção de Sainte-Beuve (para não termos de atribuí-la a limitações de sua sensibilidade artística). Muito mais acertado anda René Bouvier ao afirmar que “nessa narrativa propositadamente descosida e displicente — cuja aparente negligência escondeu às vezes o valor documentário — o interesse não esmorece nem um instante sequer, porque assistimos aí ao

próprio nascimento da especulação moderna”.

Bouvier examinou, aliás, o aspecto financeiro da novela, e acha-o prodigiosamente exato. Quantas coisas sabia esse Balzac! Tudo nele vive: não apenas as personagens, mas os negócios, as especulações, os algarismos.

André Billy, biógrafo de Balzac, dos mais agudos e o mais agudo, salienta a conclusão da obra: “O devedor é mais forte do que o credor. Talvez Balzac acreditasse nisso. Fosse como fosse, a dívida foi o nervo do seu gênio criador, como o crédito é a alma do comércio”.

Esse espantoso Nucingen, que já nos empolgou e repeliu em tantas obras de *A comédia humana*, e que aparece aqui pela primeira vez com toda a sua brutalidade e toda a sua finura, teve o seu protótipo vivo, o barão James Rothschild. Sabem o-lo não somente por haver este figurado sob seu verdadeiro nome na primeira edição de *A falsa amante*, ao passo que na segunda edição da mesma obra já aparecia em vez dele o nome de Nucingen, como também por uma carta de Balzac a sua noiva onde ele afirma que o barão de Rothschild é “Nucingen sem tirar nem pôr”.

“Nucingen decerto é algo mais que um simples banqueiro”, escreve Alain. “É um homem de amplo horizonte que meditou primeiro o papel na Bolsa e o curso desse papel. Começa por apossar-se dos melhores valores, por exemplo das minas de chumbo argentífero. Depois, manipulando esses valores, que aparentemente sabe fazer baixar ou subir, demonstra que a riqueza pode nascer do nada e nem por isso deixar de ser sólida, com a condição de se manobrar.”

Depois de ler *A Casa Nucingen*, compreenderemos melhor a frase de Engels em que este afirma ter aprendido mais em Balzac, “mesmo no que concerne aos pormenores econômicos, do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos profissionais da época, todos juntos”.

Além de tudo isso, para o balzaquista — título bem merecido pelos

leitores que nos acompanham desde o volume 1 — há um prazer sempre novo em entrever as luzes que saem de um capítulo de *A comédia humana* para esclarecer outros, conexões ignoradas cuja revelação acaba por completar um perfil e gravar uma personagem. Só agora vimos a saber — por mais que suspeitássemos — que o acontecimento decisivo da vida de Rastignac foi a morte do pai Goriot; numa frase acessória somos informados da carreira de Cointet; outra, como que pronunciada por acaso, lembra que a queda de Felipe Bridau foi obra de Nucingen e mostra como Balzac pretendia suprir, de um romance para outro, as aparentes inconseqüências da justiça divina; uma terceira espicaça-nos a impaciência à espera de *Os funcionários*. A esse especial ponto de vista, *A Casa Nucingen* é uma obra concentradamente balzaquiana, que prefigura, por assim dizer, o esplêndido pasticho de Proust, inserido em *Pastichos e miscelânea*.

## **A CASA NUCINGEN**

Todos sabem como são delgados os tabiques que separam os gabinetes reservados nos mais elegantes cabarés de Paris. No Véry, | | por exemplo, o maior salão é dividido em dois por um tabique que se tira e se repõe à vontade. A cena não era aí, mas num bom lugar que não me convém dizer. Éramos dois; direi, pois, como o Prudhomme de Henri Monnier: | “Não quero comprometê-la”. Acariciávamos os petiscos de um jantar, delicioso por vários motivos, num salãozinho em que falávamos baixo, depois de termos verificado a pouca espessura da parede. Tínhamos chegado ao momento do assado sem que tivéssemos tido vizinhos na peça contígua à nossa, na qual ouvíamos somente a crepitação do fogo. Ao soarem oito horas, fez-se um grande barulho de pés, ouvimos vozes, os criados trouxeram velas. Ficou demonstrado que o salão vizinho

fora ocupado. Ao reconhecer as vozes, fiquei sabendo quais os personagens com que nos tínhamos de haver.

Eram quatro dos mais ousados albatrozes nascidos da espuma que coroa as vagas incessantemente renovadas da presente geração; rapazes amáveis, de vida duvidosa, dos quais não se conhecem rendas nem propriedades, e que vivem bem. Esses espirituosos *condottieri* da indústria moderna, que se tornou a mais cruel das guerras, deixam as inquietações para os seus credores e guardam para si os prazeres, não tendo outra preocupação além da dos seus trajés. De resto, valentes a ponto de, como Jean Bart, fumarem seus cachimbos em cima de um barril de pólvora, talvez para não falharem ao seu papel; mais trocistas do que os jornalecos, trocistas capazes de troçarem de si mesmos; perspicazes e incrédulos, cavadores de negócios, ávidos e pródigos, invejosos dos outros, mas satisfeitos consigo; com repentes de políticos profundos, tudo analisando, adivinhando tudo, ainda não tinham podido tomar pé no mundo em que se queriam exhibir. Só um dos quatro conseguiu chegar... apenas ao pé da escada. De nada vale o dinheiro, e o que triunfa não sabe tudo o que lhe falta a não ser depois de seis meses de bajulações. Meio calado, frio, empertigado, sem espírito, esse vencedor, chamado Andoche Finot, teve estômago para pôr-se de rojo aos pés daqueles que o podiam servir, e a finura de ser insolente com aqueles de que não mais precisava. Semelhante a um dos grotescos do bailado de *Gustavo*, é marquês pelas costas e vilão pela frente. Esse prelado industrial mantém um caudatário, Emílio Blondet, redator de jornais, homem de muito espírito, mas descosido, brilhante, competente, preguiçoso, sabendo-se explorado, deixando-se levar, tão pérfido como bom, ao sabor do capricho; um desses homens a quem se quer, mas a quem não se estima. Fino como uma criadinha de comédia, incapaz de recusar sua pena a quem lha solicita e seu coração a quem lho pede emprestado, Emílio é o mais sedutor desses homens-raparigas, de quem o

mais imaginoso dos nossos humoristas disse: “Prefiro-os antes de sapatos de cetim a de botas”. O terceiro, chamado Couture, mantém-se pela especulação. Enxerta negócio sobre negócio; o êxito de um compensa o insucesso do outro. Por isso, vive à flor da água sustentado pela força nervosa de seu jogo, em braçadas rígidas e audaciosas. Nada daqui, nada dali, buscando no imenso mar dos interesses parisienses uma ilhota suficientemente contestável para poder alojar-se nela. Evidentemente não está no seu lugar. Quanto ao último, o mais malicioso dos quatro, basta o seu nome: Bixiou! Infelizmente, não é mais o Bixiou de 1825, e sim o de 1836, o misantropo burlesco a quem se reconhece o máximo de veia e de causticidade, um diabo furioso por ter gasto tanto espírito em pura perda, danado por não ter recolhido seu bocado na última revolução, dando seu pontapé em todos, como verdadeiro Pierrot dos Funâmbulos, conhecendo seu tempo e, na ponta dos dedos, as aventuras escandalosas, enfeitando-as com as suas invenções maliciosas, saltando em todos os ombros como um palhaço, e esforçando-se por deixar neles uma marca, à maneira do carrasco.

Depois de terem satisfeito as primeiras exigências do apetite, nossos vizinhos chegaram ao ponto do jantar em que estávamos, à sobremesa; e, graças ao silêncio que guardamos, julgaram-se sós. Ao fumarem os charutos, sob os vapores da champanhe, através dos divertimentos gastronômicos da sobremesa, entabularam uma conversação íntima. Impregnada desse espírito glacial que retesa os mais elásticos sentimentos, detém as mais generosas inspirações e dá ao riso qualquer coisa de agudo, aquela conversação, cheia de mordaz ironia que transforma a alegria em sarcasmo, revelou o esgotamento de almas entregues a si mesmas, sem outra finalidade que a satisfação do egoísmo, fruto da paz em que vivemos. Esse panfleto contra o homem, que Diderot não se atreveu a publicar, *O sobrinho de Rameau*, esse livro, propositalmente desalinhado para mostrar chagas, somente ele pode ser



comparado àquele panfleto dito sem nenhuma restrição mental, no qual a palavra não respeitou sequer o que o pensador ainda discute, no qual não se construiu a não ser com ruínas, no qual tudo foi negado, no qual não se admirou senão o que o ceticismo adota: a onipotência, a onisciência, a oniconveniência do dinheiro. Depois de ter alvejado o círculo das pessoas conhecidas, a maledicência pôs-se a metralhar os amigos íntimos. Basta um sinal para explicar o desejo que eu tinha de ficar e de ouvir, no momento em que Bixiou tomou a palavra, como se vai ver. Ouvimos então um desses terríveis improvisos que deram àquele artista sua reputação junto a certos espíritos gastos; e, embora muitas vezes interrompido e recomeçado, minha memória estenografou-o. Formas e opiniões, tudo nele está fora das condições literárias. Mas é o que foi: uma miscelânea de coisas sinistras que retratam a nossa época, à qual não se deveriam contar senão histórias como essa, cuja responsabilidade, de resto, deixo ao principal narrador. A pantomima, os gestos, em relação com as frequentes mudanças de voz pelos quais Bixiou pintava os interlocutores postos em cena, deviam ser perfeitos, porquanto seus três ouvintes deixavam escapar exclamações aprobatórias e interjeições de contentamento.

— E Rastignac te recusou? — perguntou Blondet a Finot.

— Peremptoriamente.

— Mas não o ameaçaste com os jornais? — indagou Bixiou.

— Ele pôs-se a rir — respondeu Finot.

— Rastignac é o herdeiro direto do falecido De Marsay; fará carreira tanto em política como nos salões — disse Blondet.

— Mas como fez ele fortuna? — perguntou Couture. — Em 1819 ele vivia numa miserável pensão do Quartier Latin com o ilustre Bianchon; a família dele comia besouros assados e bebia vinho da própria colheita para poder mandar-lhe cem francos por mês; os domínios do pai não valiam mil escudos; tinha o encargo de duas irmãs e de um irmão, e agora...

— Agora tem quarenta mil francos de renda — continuou Finot —, cada uma das irmãs teve um rico dote e foi nobremente casada, e ele deixou o usufruto da propriedade à mãe.

— Em 1827 — disse Blondet — eu ainda o vi sem vintém.

— Oh! Em 1827 — disse Bixiou.

— Pois bem — replicou Finot —, hoje nós o vemos a caminho de ser ministro, par de França e tudo o mais que quiser! Faz três anos que terminou convenientemente com Delfina; não se casará senão em boas condições, e pode casar com uma moça nobre! O maroto teve a boa ideia de se ligar a uma mulher rica.

— Meus amigos, levem-lhe em conta circunstâncias atenuantes — disse Blondet —; ele caiu nas garras de um homem hábil ao soltar-se das garras da miséria.

— Conheces bem Nucingen — disse Bixiou —; nos primeiros tempos Delfina e Rastignac achavam-no *bom*; uma mulher parecia ser para ele, em casa, uma joia, um ornamento. E aí está o que, para mim, torna esse homem tão sólido de base como de altura: Nucingen não faz cerimônia para dizer que sua mulher é a representação de sua fortuna, *uma coisa* indispensável, porém secundária, na vida de alta pressão dos homens políticos e dos grandes financistas. Ele disse diante de mim que Bonaparte fora idiota como um burguês nas suas primeiras relações com Josefina, e que, depois de ter tido a coragem de tomá-la como um degrau, fora ridículo ao querer fazer dela uma companheira.

— Todo homem superior deve ter, sobre as mulheres, as opiniões do Oriente — disse Blondet.

— O barão fundiu as doutrinas orientais e ocidentais numa encantadora doutrina parisiense. Tinha horror a De Marsay, que não era manejável, mas Rastignac lhe agradou muito, e ele o explorou, sem que Rastignac o percebesse: deixou-lhe toda a carga de sua casa. Rastignac endossou todos os caprichos de Delfina, levava-a ao Bois de Boulogne, acompanhava-a ao

teatro. Esse pequeno grande homem político de hoje durante muito tempo passou a vida a ler e a escrever lindas cartinhas. No começo Eugênio era ralhado por nada; ele se alegrava com Delfina, quando ela estava alegre; entristecia-se, quando ela estava triste; suportava o peso das suas enxaquecas, das suas confidências, dava-lhe todo o seu tempo, suas horas, sua preciosa mocidade para encher o vazio da ociosidade daquela parisiense. Delfina e ele tinham grandes conferências sobre os adornos que melhor sentavam; ele suportava o fogo das cóleras e o chuveiro dos dichotes, ao passo que, em compensação, ela se mostrava encantadora com o barão. Este ria interiormente; depois, quando via Rastignac vergando sob o peso dos seus encargos, fingia *suspeitar alguma coisa*, e unia os dois amantes por um medo comum.

— Concebo que uma mulher rica tenha feito Rastignac viver, e viver abastadamente; mas aonde foi ele buscar sua fortuna? — perguntou Couture. — Uma fortuna tão grande como a dele, hoje, é tirada de algum lugar, e ninguém o acusou jamais de ter inventado um bom negócio.

— Ele herdou — disse Finot.

— De quem? — perguntou Blondet.

— Dos tolos que encontrou — replicou Couture.

— Ele não abocanhou tudo, meus amorzinhos — disse Bixiou.

*... Reponham-se de um tão quente alarme;  
Vivemos num tempo muito amigo da fraude.*

— Vou contar-lhes a origem da fortuna dele. Antes do mais, honra ao talento! Nosso amigo não é um maroto, como disse Finot, e sim um *gentleman* que conhece o jogo, que sabe as cartas e a quem a galeria respeita. Rastignac tem todo o espírito que é necessário ter num determinado momento, como um militar que não coloca sua coragem senão a noventa dias, três assinaturas e garantias. Poderá parecer

arrogante, espalha-brasas, sem lógica nas ideias, sem constância nos seus projetos, sem opinião fixa; mas basta apresentar-se um negócio sério, uma combinação a seguir, e ele não será dispersivo, como Blondet que aí está!, o qual, numa ocasião dessas, discute por conta do vizinho; Rastignac concentra-se, encolhe-se, estuda o ponto que deve atacar, e ataca em carga cerrada. Com o valor de Murat, ele arrebenta os quadros, os acionistas, os fundadores e toda a igrejinha; quando a carga abre brecha, ele retoma a sua vida moleirona e despreocupada, volta a ser o Homem do Meio-Dia, o voluptuoso, o dizedor de nadas, o ocioso Rastignac, que pode levantar-se ao meio-dia porque não se deitou no momento da crise.

— Até aqui vai tudo bem; mas vamos à fortuna dele — disse Finot.

— Bixiou não nos fará senão uma caricatura — disse Blondet.

— A fortuna de Rastignac é Delfina de Nucingen, mulher notável, e que à audácia alia a previsão.

— Ela emprestou-te dinheiro? — perguntou Bixiou.

Explodiu uma risada geral.

— Engana-se a respeito dela — disse Couture a Blondet —; seu espírito consiste em ditos mais ou menos picantes, em amar Rastignac com uma fidelidade incômoda, em obedecer-lhe cegamente, uma mulher completamente tipo italiano.

— Dinheiro à parte — disse Andoche Finot amargamente.

— Vamos, vamos — interveio Bixiou com voz hipócrita —, ainda ousam, depois do que acabamos de dizer, censurar esse pobre Rastignac por ter vivido a expensas da Casa Nucingen, por ter sido instalado num apartamento, nem mais nem menos do que outrora a Torpedo pelo nosso amigo Des Lupeaulx? Se assim fizessem, cairiam na vulgaridade da Rue Saint-Denis. Primeiro, falando abstratamente, como diz Royer-Collard, a questão pode sofrer *a crítica da razão pura*; quanto à da razão impura...

— Ei-lo com toda a corda! — disse Finot a Blondet.

— Mas — exclamou Blondet — ele tem razão. A questão é muito antiga, foi a grande palavra do famoso duelo de morte entre La Châteigneraie e Jarnac. Jarnac era acusado de estar em boas relações com a sogra, que supria o fausto de seu muito amado genro. Quando um fato é tão verdadeiro, não deve ser dito. Por devotamento ao rei Henrique II, que se permitira essa maledicência, La Châteigneraie assumiu-lhe a responsabilidade; daí esse duelo que enriqueceu a língua francesa com a expressão: *coup de jarnac*.

— Ah! Se a expressão vem de tão longe, é então nobre?! — disse Finot.

— Na tua qualidade de antigo proprietário de jornais e revistas, tinhas o direito de ignorar isso — disse Blondet.

— Existem mulheres — disse gravemente Bixiou —, existem também homens que podem cindir sua existência, e não dar senão parte dela (notem que fraseio minha opinião segundo a fórmula humanitária). Para essas pessoas, todo interesse material está alheio aos sentimentos; elas dão a vida, o tempo, a honra a uma mulher e acham que não é correto malbaratar entre si papel de seda no qual se grave: *A lei pune com a morte o falsificador*. Por reciprocidade, essa gente nada aceita de uma mulher. Sim, tudo se torna desonroso, se há fusão de interesses como há fusão de almas. Professa-se essa doutrina, mas se aplica raramente...

— Epa! — disse Blondet — que futilidades! O marechal de Richelieu, sabido em galanterias, estabeleceu uma pensão de mil luíses para a sra. de La Popelinière, depois da aventura da placa da lareira. Agnès Sorel, muito ingenuamente, levou para o rei Carlos VII sua fortuna, e o rei aceitou-a. Jacques Cœur estipendiou a coroa de França, que se deixou presentear e foi ingrata como uma mulher.

— Senhores — disse Bixiou —, o amor que não comporta uma amizade indissolúvel afigura-se-me uma libertinagem momentânea. O que significa um completo abandono no qual se reserva alguma coisa? Entre essas duas doutrinas, tão opostas e tão profundamente imorais, uma

como a outra, não há conciliação possível. A meu ver, as pessoas que temem uma completa ligação têm, sem dúvida, a crença de que ela pode acabar, e adeus ilusão! A paixão que não se julga eterna é hedionda. (Isto aqui é puro Fénelon.) Por isso os que conhecem o mundo, os observadores, as pessoas corretas, os homens bem enluvados e bem engravatados, que não coram por desposar uma mulher devido à sua fortuna, proclamam como indispensável uma completa cisão dos interesses e sentimentos. Os demais são loucos que amam, que se julgam sós no mundo com suas amantes! Para estes, os milhões são lama; a luva, a camélia usada por seu ídolo vale milhões! Se em casa deles jamais se encontra o vil metal dissipado, sempre se encontram restos de flores ocultos em lindas caixinhas de cedro! Não se distinguem mais um do outro. Para eles não há mais *eu*. *Tu*, eis o seu Verbo encarnado. Que querem? Podem vocês, acaso, impedir essa doença secreta do coração? Há tolos que amam sem nenhuma espécie de cálculo, e há pessoas ponderadas que calculam quando amam.

— Acho Bixiou sublime — exclamou Blondet. — Que diz disso, Finot?

— Em qualquer outro lugar — respondeu Finot empertigando-se no seu colarinho — eu diria como os *gentlemen*; mas aqui penso...

— Como os infames libertinos com quem tens a honra de estar — concluiu Bixiou.

— Palavra que sim — disse Finot.

— E tu? — perguntou Bixiou a Couture.

— Tolices — exclamou Couture. — Uma mulher que não faz de seu corpo um degrau para que o homem que ela distingue alcance a meta é uma mulher que tem coração só para ela.

— E tu, Blondet?

— Eu? Prático.

— Pois bem! — continuou Bixiou com sua mais sarcástica voz. — Rastignac não era da mesma opinião que vocês. Tomar e não restituir é

horrível e até mesmo um pouco leviano; mas tomar para ter o direito de imitar o Senhor, restituindo o cêntuplo, é um ato cavalheiresco. Assim pensava Rastignac. Rastignac estava profundamente humilhado de sua comunhão de interesses com Delfina de Nucingen; posso falar dos seus aborrecimentos, vi-o com lágrimas nos olhos deplorando sua situação. Sim, aquilo fazia-o chorar verdadeiramente!... depois da ceia. Pois bem! Segundo vocês...

— Ora essa! Estás zombando de nós — disse Finot.

— De modo nenhum. Trata-se de Rastignac, cuja dor, segundo vocês, seria uma prova de sua corrupção, pois que então ele amaria menos Delfina! Mas que querem? O pobre rapaz tinha aquele espinho no coração. É um gentil-homem profundamente depravado, fiquem sabendo, e nós somos artistas virtuosos. Portanto, Rastignac queria enriquecer Delfina, ele pobre, ela rica! Pois acreditam?... Conseguiu-o. Rastignac, que teria duelado como Jarnac, aceitou desde então a opinião de Henrique II, em virtude de sua grande sentença: “Não há virtude absoluta, e sim circunstâncias”. Isto prende-se à história de sua fortuna.

— Tu farias melhor se começasses o teu conto, em vez de nos induzir a nos caluniarmos — disse Blondet com graciosa bonomia.

— Ah! Ah! Meu velho — disse-lhe Bixiou, dando-lhe o batismo de um pequeno tapa no occipúcio —, tu te desforras na champanhe.

— Pelo santo nome do Acionista — disse Couture —, contas ou não contas tua história?

— Faltava-me um capítulo — respondeu Bixiou —, mas, com a tua praga, pões-me no desenlace.

— Então há acionistas na história? — perguntou Finot.

— Riquíssimos, como os teus — respondeu Bixiou.

— Parece-me — disse Finot com ar importante — que devias ter contemplações para com um bom rapaz, com o qual, nos momentos oportunos, consegues uma nota de quinhentos...

— Garçon! — bradou Bixiou.

— Que queres pedir ao garçom? — perguntou-lhe Blondet.

— Quinhentos francos, para restituí-los a Finot, a fim de libertar minha língua e rasgar minha gratidão.

— Conta tua história — disse Finot fingindo rir.

— São testemunhas — disse Bixiou — de que não pertenço a esse impertinente que julga não valer o meu silêncio mais do que quinhentos francos! Nunca serás ministro, se não souberes avaliar as consciências. Pois bem! Sim — disse ele com voz carinhosa —, meu bom Finot, narrarei a história sem personalizar, e ficaremos quites.

— Ele nos vai demonstrar — disse Couture, sorrindo — que Nucingen fez a fortuna de Rastignac.

— Não estás tão longe da verdade, como pensas — disse Bixiou. — Vocês não sabem quem é Nucingen, financeiramente falando.

— Tu não sabes sequer uma palavra do começo da sua carreira? — disse Blondet.

— Só o conheci em casa dele — disse Bixiou —, mas é bem possível que nos tivéssemos visto tempos atrás na estrada.

— A prosperidade da Casa Nucingen é um dos fenômenos mais extraordinários da nossa época — disse Blondet. — Em 1804, Nucingen era pouco conhecido; os banqueiros de então teriam tremido se soubessem haver em praça cem mil escudos de aceites dele. Esse grande financista sente então a sua inferioridade. Como fazer-se conhecer? Suspende pagamentos. Bom! Seu nome, limitado a Estrasburgo e ao Faubourg Poissonnière, repercute em todas as praças! Ele desinteressa sua gente com valores mortos, e recomeça seus pagamentos; imediatamente suas ações se firmam por toda a França. Por uma circunstância inaudita, os valores revivem, são disputados, dão lucros. Nucingen é muito procurado. Chega o ano de 1815, o meu homem reúne seus capitais, compra títulos antes da batalha de Waterloo, suspende seus pagamentos



no momento da crise, liquida com ações das minas de Wortschin que ele obtivera a vinte por cento abaixo do valor pelo qual ele próprio as emitia! Sim, senhores! Toma de Grandet cento e cinquenta mil garrafas de champanhe para cobrir-se, prevendo a falência daquele virtuoso pai do atual conde de Aubrion, e outro tanto a Duberghe em vinho de Bordeaux. Essas trezentas mil garrafas *aceitas*, *aceitas*, meu caro, a um franco e meio, ele deu a beber aos aliados por seis francos, no Palais-Royal, de 1817 a 1819. As ações da Casa Nucingen e seu nome tornam-se europeus. Esse ilustre barão elevou-se do abismo onde outros teriam naufragado. Por duas vezes, sua liquidação produziu vantagens imensas para os seus credores: ele *quis* embrulhá-los, e foi impossível! Passa por ser o mais honrado homem do mundo. Na terceira suspensão, as ações da Casa Nucingen se firmarão na Ásia, no México, na Austrália, entre os selvagens. Ouvrard foi o único que adivinhou aquele alsaciano, filho de algum judeu convertido por ambição: “Quando Nucingen solta seu ouro”, dizia ele, “fiquem certos que pega diamante!”.

— Seu compadre Du Tillet vale tanto quanto ele — disse Finot. — Imaginem que, em questão de origem, Du Tillet não tem mais do que o necessário para existir, e que esse tipo, que em 1814 não tinha um vintém, tornou-se o que sabem; mas ele teve amigos ao invés de ter inimigos, o que nenhum de nós (não me refiro a ti, Couture) soube fazer. Finalmente, ocultou tão bem os seus antecedentes que foi preciso vasculhar as sarjetas, até encontrá-lo como caixeiro em uma casa de perfumes da Rue Saint-Honoré mais ou menos em 1814.

— Tá! tá! tá! — replicou Bixiou. — Nunca compare a Nucingen um pequeno *intrujão* como Du Tillet, um chacal que triunfa pelo olfato, que fareja os cadáveres e é o primeiro a chegar para ter o melhor osso. De resto, veja esses dois homens: um tem o aspecto fino dos gatos, é magro, delgado; o outro é cúbico, gordo, pesado como um saco, imóvel como um diplomata. Nucingen tem a mão espessa e um olhar de lince que nunca se

anima; sua profundezza não está na frente e sim por trás; é impenetrável, nunca se lhe adivinham os planos, ao passo que a finura de Du Tillet se assemelha, como dizia Napoleão não sei a respeito de quem, ao algodão fiado muito fino, que se parte.

— Não vejo em Nucingen outra vantagem sobre Du Tillet além da de ter o bom senso de compreender que um financista não deve passar de barão, ao passo que Du Tillet quer ser nomeado conde, na Itália — disse Blondet.

— Blondet?... Uma palavra, meu filho — replicou Couture. — Em primeiro lugar, Nucingen se atreveu a dizer que não há senão aparências de homem honrado; depois, para bem conhecê-lo, é preciso estar metido em negócios. Para ele o banco é um pequeno departamento administrativo: tem os fornecimentos do governo, os vinhos, as lãs, os índigos, enfim, tudo o que proporciona algum lucro. Seu gênio abarca tudo. Esse elefante das finanças seria capaz de vender deputados ao ministério, e gregos aos turcos. Para ele, o comércio, como diria Cousin, é a totalidade das variedades, a unidade das especialidades. Os negócios financeiros assim encarados tornam-se uma política completa, exigem uma cabeça forte e levam então um homem de fibra a colocar-se acima das leis da probidade, dentro das quais ele se sente apertado.

— Tens razão, meu filho — disse Blondet. — Mas somente nós compreendemos que é, então, a guerra levada ao mundo do dinheiro. O banqueiro é um conquistador que sacrifica as massas para chegar a resultados ocultos; seus soldados são os interesses dos particulares. Ele tem de combinar seus estratagemas, preparar suas emboscadas, fazer avançar seus partidários, tomar cidades. A maioria desses homens está tão próxima à política, que acaba se metendo nela, e suas fortunas aí sucumbem. A casa Necker foi aí que se perdeu, o famoso Samuel Bernard quase que se arruinou na política. Em cada século há um banqueiro com uma fortuna colossal que não deixa nem fortuna nem sucessor. Os irmãos Pâris, que contribuíram para abater Law, | e

o próprio Law, perto dos quais todos os que inventam sociedades por ações são pigmeus, Bouret, | Beaujon, todos eles desapareceram sem se fazer representar por uma família. Como o Tempo, | a finança devora seus filhos. Para poder subsistir, o banqueiro precisa tornar-se nobre, fundar uma dinastia, como os que emprestavam dinheiro a Carlos v, os Fugger, que foram feitos príncipes de Babenhausen, e que ainda existem... no Almanaque de Gotha. | A finança busca a nobreza por instinto de conservação, e talvez sem o saber. Jacques Cœur fez uma grande casa nobre, a de Noirmoutier, extinta sob Luís XIII. Que energia naquele homem, arruinado por ter feito um rei legítimo! Morreu como príncipe de uma ilha do Arquipélago, onde fez construir uma catedral magnífica. |

— Ah! se vocês fazem um curso de história, nós saímos do tempo presente, no qual o trono está destituído do direito de conferir a nobreza, no qual se fazem barões e condes a portas fechadas, que miséria! — disse Finot.

— Lamentas a falta do sabão para tirar a casca de plebeu — disse Bixiou — e tens razão. Voltamos à vaca fria. Conhecem Beaudenord! | Não, não e não. Bem. Vejam como tudo passa! O pobre rapaz, há dez anos, era a flor do dandismo. Mas foi tão bem absorvido, que vocês não o conhecem, assim como Finot, há pouco, também, não conhecia o golpe de Jarnac (é pela frase e não para implicar contigo que digo isto, Finot!). Na verdade, ele pertencia ao Faubourg Saint-Germain. Pois bem, Beaudenord é o primeiro marreco que lhes vou pôr em cena. Para começar: ele se chamava Godofredo de Beaudenord. Nem Finot, nem Blondet, nem Couture, nem eu negaremos semelhante vantagem. O rapaz não sofria no seu amor-próprio por ouvir chamar sua criadagem ao sair de um baile, quando trinta mulheres encapuzadas e escoltadas por seus maridos e seus adoradores esperavam suas carruagens. Depois, ele gozava de todos os membros que Deus deu ao homem: são e inteiro, sem belida nos olhos

nem falso topete nem falsas barrigas de pernas; não era cambaio nem pé espalhado; joelhos não engrossados, espinha dorsal direita, corpo delgado, mão branca e bonita, cabelos negros; tez nem rosada como a de um caixeiro de venda nem muito morena como a de um calabrês. Finalmente, coisa essencial: Beaudenord não era um homem bonito demais, como são alguns amigos nossos que parecem fazer da beleza uma profissão e não ter outra coisa; mas não insistamos nisso, já o dissemos, é uma coisa infame! Atirava bem de pistola, montava elegantemente a cavalo; duelara por uma ninharia e não matara o adversário. Saberão vocês que, para se fazer conhecer em que consiste a felicidade completa, pura, sem mescla, no século XIX, em Paris, a uma felicidade de rapaz de vinte e seis anos, é preciso enveredar pelas coisas infinitamente pequenas da vida? O sapateiro acertara bem com o pé de Beaudenord, e o alfaiate gostava de vesti-lo. Godofredo não endurecia a pronúncia dos *rr*, não fanfarronava, não *normandiava*, falava pura e corretamente, e dava muito bem o laço da gravata, como Finot. Primo por afinidade do marquês d'Aiglemont, | seu tutor (ele era órfão de pai e mãe, outra felicidade!), podia ir, e ia, aos bancos sem que o Faubourg Saint-Germain lhe censurasse essa assiduidade, pois um rapaz, felizmente, tem o direito de fazer do prazer sua única lei, de correr para os lugares de divertimentos e de fugir dos recantos sombrios onde floresce o pesar. Finalmente, ele era vacinado (tu, Blondet, me compreendes). Apesar de todas essas virtudes, ele poderia sentir-se muito infeliz. He! he! A felicidade tem a desgraça de parecer significar qualquer coisa de absoluto, aparência que induz tantos tolos a perguntar: “O que é a felicidade?”. Uma mulher de muito espírito dizia: “A felicidade está onde a colocamos”.

— Ela proclamava uma triste verdade — disse Blondet.

— E moral — acrescentou Finot.

— Arquimoral! A *Felicidade*, como a *Virtude*, como o *Mal*, exprimem algo de relativo — respondeu Blondet. — La Fontaine, por exemplo, esperava

que, com o decorrer dos tempos, os condenados eternos se acostumarão com sua posição e acabariam vivendo no Inferno como os peixes na água.

— Os merceeiros conhecem todos os ditos de La Fontaine! — disse Bixiou.

— A felicidade de um homem de vinte e seis anos que vive em Paris não é a felicidade de um homem de vinte e seis anos que vive em Blois — disse Blondet sem ouvir a interrupção. — Os que partem daí para deblaterar contra a instabilidade das opiniões ou são velhacos, ou ignorantes. A medicina moderna, cujo mais belo título de glória é ter passado, de 1799 a 1837, do estado conjectural ao estado de ciência positivo, e isso pela influência da grande escola analista de Paris, demonstrou que, ao cabo de certo período, o homem se renovou completamente...

— À feição da faca de Jeannot, que se julga ser sempre a mesma — replicou Bixiou. — Há, pois, múltiplos losangos nesse traje de Arlequim a que chamamos *felicidade*; pois bem, o traje do meu Godofredo não tinha buracos nem manchas. Um rapaz de vinte e seis anos, que fosse feliz nos amores, isto é, amado, não por sua mocidade primaveril, não por seu espírito, não por seu porte, mas irresistivelmente, nem mesmo por causa do amor em si mesmo; mas, ainda quando esse amor fosse abstrato, para insistirmos na expressão de Royer-Collard, esse supradito rapaz poderia perfeitamente não ter vintém na carteira que lhe teria sido bordada pelo objeto amado, poderia dever o aluguel da casa ao proprietário, as botas àquele sapateiro já designado, as roupas ao alfaiate que, como a França, acabaria por perder-lhe a afeição. Enfim, poderia ser pobre! A miséria estraga a felicidade do rapaz que não possui nossas transcendentais opiniões sobre a fusão dos interesses. Não sei de nada mais cansativo que ser moralmente muito feliz e materialmente muito infeliz. Não é isso ter uma perna gelada, como a minha, pelo vento encanado da porta, e a outra assada pela brasa do fogo? Espero ser bem compreendido; há eco no bolso do teu colete, Blondet? Cá entre nós, deixemos o coração, ele estraga o

espírito. Continuemos! Godofredo de Beaudenord gozava, pois, da estima dos seus fornecedores, por terem estes, com toda a regularidade, o seu dinheiro. A mulher de muito espírito já citada, e cujo nome não se pode dizer, porque, graças ao pouco coração que tem, ela vive...

— Quem é?

— A marquesa d'Espard! Ela dizia que um rapaz devia morar num entressolo, não ter em casa nada que lembrasse a vida doméstica, nem cozinheira nem cozinha, ser servido por um velho criado, e não mostrar nenhuma pretensão à estabilidade. Na opinião dela, qualquer outra instalação é de mau gosto. Godofredo de Beaudenord, fiel a esse programa, morava no Quai Malaquais, num rés do chão; não obstante, fora obrigado a ter uma pequena similitude com as pessoas casadas, ao pôr no seu quarto uma cama, aliás tão estreita, que pouco lugar ocupava. Uma inglesa, que por acaso entrasse no quarto dele, nada poderia achar de *improper*. Finot, faze com que te expliquem a grande lei de *improper* que rege a Inglaterra! Mas, uma vez que estamos ligados por uma nota de mil, vou dar-te uma ideia da coisa. Eu, sim, senhor, estive na Inglaterra! (Baixo, ao ouvido de Blondet: concedo-lhe espírito por mais de dois mil francos.) Na Inglaterra, Finot, tu crias relações estreitas com uma mulher, durante a noite, no baile, ou em qualquer outro lugar; no dia seguinte tu a encontras na rua, e se fazes menção de reconhecê-la: *improper*! Encontras num jantar, sob a casaca do teu vizinho da esquerda, um homem encantador, espirituoso, sem nenhuma empáfia, um certo desleixo, sem nada de inglês; seguindo as leis da antiga usança francesa, tão cortês, tão amável, tu lhe falas: *improper*! Aborda-se num baile uma bonita mulher para fazê-la dançar: *improper*! Você se acalora, discute, ri, derrama seus sentimentos, sua alma, seu espírito na palestra; nela expressa sentimentos; joga, quando está no jogo, conversa na conversação, e come ao comer: *improper*! *improper*! *improper*! Um dos homens mais espirituosos e mais profundos desta época, Stendhal, caracterizou muito

bem o *improper* dizendo haver um tal lorde da Grã-Bretanha que, mesmo só, não ousa cruzar as pernas em frente à lareira, com medo de ser *improper*. Uma dama inglesa, embora seja ela da seita furibunda dos *santos* (protestantes ferrenhos que deixariam toda a família morrer de fome, se ela fosse *improper*), não será *improper* fazendo o diabo a quatro no seu quarto de dormir, e se considerará perdida se receber um amigo nesse mesmo quarto. Graças ao *improper*, qualquer dia se encontrarão Londres e seus habitantes petrificados.

— Quando se pensa que há em França toleirões que querem importar para cá as solenes besteiras que os ingleses fazem na sua terra com o belo sangue-frio que vocês conhecem — disse Blondet —, é de fazer arrepiar quem quer que tenha visitado a Inglaterra e recorde os graciosos e encantadores costumes franceses. Nos últimos tempos, Walter Scott, que não se animou a descrever as mulheres como elas são, com medo de ser *improper*, tinha arrependimento de ter feito a bela personagem de *Effie na prisão de Edimburgo*. Queres não ser *improper* na Inglaterra? — disse Bixiou a Finot.

— Pois sim — disse Finot.

— Vai às Tuileries ver uma espécie de bombeiro de mármore, intitulado Temístocles pelo estatuário, e procura caminhar como a estátua do Comendador; assim nunca serás *improper*. Foi por uma aplicação rigorosa da grande lei do *improper* que a felicidade de Godofredo se completou. Aqui vai a história. Ele tinha um *tigre* e não um *groom*, como costumam escrever pessoas que nada sabem. Seu *tigre* era um pequeno irlandês, chamado Paddy, Joby, Toby (à vontade), de três pés de altura, vinte polegadas de largura, cara de fuinha, nervos de aço temperados no gim, ágil como um esquilo, guiando um landô com uma habilidade que nunca falhou nem em Londres nem em Paris, um olho de lagartixa, fino como o meu, montando a cavalo, como o velho Franconi, de cabelos louros como os de uma virgem de Rubens, faces róseas, dissimulado como

um príncipe, instruído como um solicitador aposentado, com dez anos de idade: numa palavra, uma verdadeira flor de perversidade, jogando e praguejando, amante de geleias e de ponche, insultador como um folhetim, ousado e ladravaz como um garoto de Paris. Era a honra e a mascote de um célebre lorde inglês, ao qual ele já fizera ganhar setecentos mil francos nas corridas. O lorde queria muito àquele menino: seu *tigre* era uma curiosidade; ninguém em Londres tinha um *groom* tão pequeno. Em cima de um cavalo de corrida, Joby parecia um falcão. Pois bem, o lorde despediu Toby, não por ter sido guloso, nem por roubo, nem por assassinio, nem por conversações criminosas, nem por falta de compostura, nem por insolência para com *milady*, não por ter furado o bolso da primeira dama de *milady*, não por ter-se deixado subornar pelos adversários de milorde no Prado, não por ter-se divertido num domingo, enfim por nenhum ato censurável. Embora Toby tivesse feito todas essas coisas, e até mesmo tomado a palavra sem ter sido interrogado, milorde lhe teria perdoado esse crime doméstico. Milorde era capaz de suportar muitas coisas de Toby de tanto que o queria consigo. Seu *tigre* guiava um carro de duas rodas com dois cavalos, um diante do outro, montado no segundo, sem que as pernas ultrapassassem os varais, tendo, enfim, o ar de uma dessas cabeças de anjo que os pintores italianos semeiam em torno do Padre Eterno. Um jornalista inglês fez uma descrição deliciosa daquele anjinho, achou-o demasiado lindo para ser um *tigre*, ofereceu apostar em como Paddy era um *tigre* fêmea domesticado. A descrição ameaçava envenenar-se e tornar-se supinamente *improper*. O superlativo de *improper* leva à força. Milorde foi muito louvado pela sua circunspeção, por *milady*. Toby não pôde achar colocação em parte alguma, depois de ter visto contestarem seu estado civil na zoologia britânica. Nessa época, Godofredo florescia na embaixada da França em Londres, onde teve notícia da aventura de Toby, Joby, Paddy. Godofredo apoderou-se do *tigre*, que encontrou chorando ao lado de um pote de geleia, porquanto o



pequeno já perdera os guinéus com os quais milorde lhe dourara a desgraça. No seu regresso, pois Godofredo de Beaudenord importou para cá o mais encantador *tigre* da Inglaterra; ficou conhecido por seu *tigre* como Couture se fez notado por seus coletes. Por isso entrou facilmente na confederação do clube chamado hoje de Grammont. Não causava inquietações a nenhuma ambição depois de ter renunciado à carreira diplomática, não tinha um espírito perigoso, foi bem recebido por todos. Nós outros nos sentiríamos ofendidos no nosso amor-próprio se encontrássemos somente semblantes risonhos. A nós nos agrada ver a careta amarga dos invejosos. Godofredo não gostava de ser odiado. Cada qual come do que gosta! Chegemos ao sólido, à vida material. O apartamento dele, onde papei mais de um almoço, recomendava-se por um quarto de vestir misterioso, bem enfeitado, cheio de coisas confortáveis, com chaminé, banheiro, saída numa pequena escada, batentes de porta almofadados para abafar o som, fechaduras fáceis, gonzos discretos, janelas de vidraças opacas, com cortinas impassíveis. Se o quarto de dormir apresentava e devia apresentar a mais bela desordem que o mais exigente pintor de aquarelas possa desejar, se tudo nele respirava o descuido boêmio de uma vida de rapaz elegante, o quarto de vestir era como que um santuário: branco, limpo, arrumado, aquecido, sem vento encanado, tapetes próprios para neles se saltar descalço, em camisa, assustado. Nisso está o traço do rapaz verdadeiramente petimetre que sabe gozar a vida! Porque aí, durante alguns minutos, ele pode mostrar-se tolo ou grande nos pequenos detalhes da existência que revelam o caráter. A marquesa já citada, não, foi a marquesa de Rochefide, saiu furiosa de um quarto de vestir e nunca mais lá voltou, por nada ter achado de *improper*. Godofredo tinha lá um pequeno armário cheio...

— De camisolas — disse Finot.

— Vamos, aí estás tu, gordanchudo Turcaret! (Nunca farei nada dele!) Não, rapaz: cheio de bolos, de frutas, lindas garrafinhas de vinho de

Málaga, de Lunel, uma merenda à Luís xiv, tudo o que pode agradar a estômagos delicados e bem-educados, estômagos de dezesseis costados. Um velho e malicioso criado, muito forte na arte veterinária, tratava dos cavalos e cuidava de Godofredo, porque pertencera ao falecido sr. Beaudenord e nutria por Godofredo uma afeição inveterada, essa doença do coração que as poupanças acabaram por curar nos criados. Toda felicidade material repousa em algarismos. Vocês, para quem a vida parisiense é conhecida até nas suas exostoses, percebem que lhe eram necessários cerca de dezessete mil francos de renda, porque ele tinha dezessete francos de contribuição e mil escudos de fantasias. Pois bem, meus queridos filhos, no dia em que ele se levantou maior, o marquês d'Aiglemont apresentou-lhe contas de tutela, como nós não seríamos capazes de apresentar aos nossos sobrinhos, e entregou-lhe uma inscrição de dezoito mil francos de renda no Grande Livro, restos da opulência paterna avariada pela grande redução republicana e rematada pelos atrasados do Império. Esse virtuoso tutor pôs seu pupilo à frente de uma trintena de mil francos de economia colocados no banco Nucingen, dizendo-lhe com toda a graça de um grão-senhor e a despreocupação de um soldado do Império que lhe tinha arranjado aquela quantia para as suas loucuras de rapaz. “Se me ouvires, Godofredo”, acrescentou ele, “em vez de gastá-los totalmente como tantos outros, farás loucuras úteis, aceitarás um posto de adido de embaixada em Turim, de lá irás a Nápoles, de Nápoles voltarás a Londres, e ter-te-ás divertido e instruído com esse dinheiro. Mais tarde, se quiseres seguir uma carreira, não terás perdido nem teu tempo nem teu dinheiro.” O falecido D'Aiglemont valia mais do que sua reputação; outro tanto não se pode dizer de nós.

— Um rapaz que se inicia na vida aos dezoito anos, com dezoito mil francos de renda, é um rapaz arruinado — disse Couture.

— A menos que seja avarento ou muito superior — disse Blondet.

— Godofredo fez uma estada nas quatro capitais da Itália —

continuou Bixiou. — Viu a Alemanha e a Inglaterra, um pouco de São Petersburgo, percorreu a Holanda; mas separou-se dos supraditos trinta mil francos vivendo como se tivesse trinta mil francos de renda. Por toda parte encontrou o *suprême de volaille*, o *aspic* e os *vinhos da França*, ouviu todo mundo falar francês, finalmente não soube sair de Paris. Bem quisera ele depravar seu coração, couraçá-lo, perder suas ilusões, aprender a tudo ouvir sem corar, falar sem dizer nada, penetrar os secretos interesses das potências... Ora! Teve bastante trabalho para munir-se de quatro línguas, isto é, fazer provisão de quatro palavras contra uma ideia. Voltou viúvo de várias matronas enfadonhas, denominadas no estrangeiro de *aventuras felizes*, tímido e pouco formado, bom rapaz, cheio de confiança, incapaz de dizer mal das pessoas que faziam a honra de admiti-lo em suas casas, tendo demasiada boa-fé para ser diplomata; enfim, o que chamamos de um rapaz leal.

— Em resumo, um rapazola que tinha suas dezoito mil libras de renda à disposição das primeiras ações que aparecessem — disse Couture.

— Este diabo do Couture tem de tal forma o hábito de antecipar seus dividendos que antecipa o desenlace da minha história. Onde estava eu? Na volta de Beaudenord. Depois de instalado no Quai Malaquais, resultou que mil francos acima de suas necessidades se tornaram insuficientes para a sua parte do camarote nos Italiens e na Ópera. Quando ele perdia vinte e cinco ou trinta luíses ao jogo, numa aposta, ele naturalmente pagava; se ganhava, gastava-os, o que nos aconteceria a nós se fôssemos suficientemente idiotas para deixar-nos meter em apostas. Beaudenord, apertado nos seus dezoito mil francos de renda, sentiu a necessidade de criar o que hoje denominamos *fundo de circulação*. Ele fazia questão de *não se afundar a si próprio*. Foi consultar o tutor: “Meu caro filho”, disse-lhe D’Aiglemont, “as rendas estão chegando ao par; vende as tuas, eu vendi as minhas e as de minha mulher. Nucingen está com todo o meu capital e me dá seis por cento; faze como eu, terás um por cento a mais, e

esse um por cento te permitirá ficar completamente à vontade”. Em três dias o nosso Godofredo ficou à vontade. Achando-se as suas rendas num perfeito equilíbrio com aquele supérfluo, sua felicidade material foi completa. Se fosse possível interrogar todos os rapazes de Paris com um único olhar, como parece que se fará no dia do juízo final para os bilhões de gerações que terão chafurdado em todo o globo, quer como guardas nacionais, quer como selvagens, e lhes perguntar se a felicidade de um moço de vinte e seis anos não consiste em poder sair a cavalo, de tílburí, ou num cabriolé com um *tigre* do tamanho de um punho, fresco e rosado como Toby, Joby ou Paddy; em ter, à noite, por doze francos, um cupê de aluguel muito decente; em apresentar-se elegantemente trajado segundo as leis do vestuário que regem as oito horas, o meio-dia, as quatro horas e a noite; em ser bem recebido em todas as embaixadas, e nelas colher as flores efêmeras de amizades cosmopolitas e superficiais; em ser de uma beleza suportável, e a bem usar seu nome, sua casaca e sua cabeça; em morar num encantador rés de chão arranjado como lhes disse que era o do Quai Malaquais; em poder convidar alguns amigos para acompanhá-lo ao Rocher de Cancale sem ter antes interrogado o bolso, e não ser detido em nenhum dos seus razoáveis gestos por esta pergunta: “Ah! e dinheiro?”; em poder renovar os topes de fita que enfeitam as orelhas de seus três cavalos puro-sangue e em ter sempre um forro novo no chapéu. Todos, mesmo nós, homens superiores, todos responderiam que essa felicidade é incompleta, que é a Madeleine sem altar, que é preciso amar e ser amado, ou amar sem ser amado, ou ser amado sem amar, ou poder amar a torto e a direito. Chegemos à felicidade moral. Quando, em janeiro de 1823, ele se achou bem instalado nos seus gozos, depois de ter tomado pé e lugar nas várias sociedades parisienses onde lhe aprouve ir, sentiu a necessidade de pôr-se ao abrigo de uma sombrinha, de ter de se queixar de uma mulher distinta, de não mascar o talo de uma rosa comprada por meio franco à sra. Prévost, a exemplo dos jovens

rapazinhos que cacarejam nos corredores da Ópera como frangos na ceva. Resolveu finalmente dedicar seus sentimentos, suas ideias, suas afeições a uma mulher, *uma mulher! La Phamme! Ah!* A princípio concebeu a ideia extravagante de ter uma paixão infeliz; durante algum tempo girou em torno de sua bela prima, a sra. d'Aiglemont, sem perceber que um diplomata já dançara a valsa de Fausto com ela. O ano de 1825 passou-se em ensaios, em buscas, em coqueterias inúteis. O objeto amado pedido não foi encontrado. As paixões são extremamente raras. Nessa época, foram erguidas tantas barricadas nos costumes quantas nas ruas! Em verdade lhes digo, meus irmãos, o *improper* nos invade! Como se nos faz a censura de irmos nas pegadas dos pintores de retratos, dos leiloeiros e dos negociantes em modas, não os castigarei com a descrição da pessoa na qual Godofredo reconheceu a sua fêmea. Idade, dezenove anos; estatura, um metro e cinquenta centímetros; cabelos louros, sobrancelhas *idem*, olhos azuis, fronte média, nariz curvo, boca pequena, queixo curto e arrebitado, rosto oval; sinais particulares, nenhum. Tal era o passaporte do objeto amado. Não sejam mais exigentes do que a polícia, do que os senhores *maires* de todas as cidades e comunas da França, do que os gendarmes e outras autoridades constituídas. De resto, palavra de honra, era o bloco da Vênus de Médicis. A primeira vez que Godofredo foi à casa da sra. de Nucingen, a qual o convidara para um daqueles bailes que lhe fizeram adquirir, a bom preço, uma certa reputação, ele lá entreviu, numa quadrilha, a criatura a amar e ficou maravilhado com aquele porte de um metro e cinquenta centímetros. Aqueles cabelos louros jorravam em cascatas espumejantes, numa cabecinha ingênua e fresca como a de uma náiade que tivesse posto o nariz no jato cristalino da sua fronte, para ver as flores da primavera. (Isto é o nosso novo estilo, frases que deslizam como o nosso macarrão de há pouco.) O *idem* das sobrancelhas, se com isso concorda a chefatura de polícia, teria podido pedir seis versos ao amável Parny; esse poeta gracioso tê-las-ia

gentilmente comparado ao arco de Cupido, fazendo observar que o traço não estava na altura, mas que era um traço fraco, rombo, por nele reinar ainda hoje a cordeira mansidão que as frentes da lareira atribuem à sra. de La Vallière, no momento em que ela assinava sua ternura perante Deus, por não tê-la podido assinar perante o tabelião. Conhecem vocês o efeito dos cabelos louros e dos olhos azuis, combinados com uma dança mole, voluptuosa e decente? Uma jovem criatura loura não nos atinge audaciosamente o coração, como essas morenas que por seu olhar parecem dizer, como um mendigo espanhol: “A bolsa ou a vida! Cinco francos ou eu te desprezo”. Essas belezas insolentes (e um tanto perigosas!) podem agradar a muitos homens; mas, a meu ver, a loura que tem a felicidade de parecer excessivamente terna e complacente, sem perder seus direitos de repreensão, de implicância, de discursos desmedidos, de falso ciúme e de tudo o que torna a mulher adorável, terá sempre mais certeza de casar-se do que a morena ardente. A lenha está cara. Isaura, alva como uma alsaciana (vira a luz do dia em Estrasburgo e falava alemão com um leve sotaque francês muito agradável), dançava maravilhosamente. Seus pés, que o funcionário da polícia não mencionava, e que, entretanto, podiam ter sido colocados entre os *sinais particulares*, eram notáveis por sua pequenez, por aquele manejo especial que os velhos mestres denominaram zás-trás, e comparável ao meneio agradável da srta. Mars. porquanto todas as musas são irmãs, e tanto o dançarino como o poeta tem igualmente os pés no solo. Os pés de Isaura conversavam com uma precisão, uma clareza, uma leveza, uma rapidez de muito bom augúrio para as coisas do coração. “Ela tem zás-trás!”, era o supremo elogio de Marcel, o único professor de dança digno de merecer o qualificativo de grande. Fala-se do grande Marcel como do grande Frederico, e do tempo de Frederico.

— Ele compôs bailados? — perguntou Finot.

— Compôs; algo assim como os *Quatro elementos*, *A Europa galante*.

— Que tempo — disse Finot — o tempo em que os grãos-senhores vestiam as bailarinas!

— *Improper!* — replicou Bixiou. — Isaura não se erguia nas pontas dos pés; ficava no terra a terra, balançava-se sem sacudidas, nem mais nem menos voluptuosamente do que uma moça se deve balançar. Marcel dizia, com profunda filosofia, que cada condição tinha sua dança: uma mulher casada devia dançar de modo diferente do de uma moça solteira, um togado de outra forma do que um financeiro, e um militar diversamente do que um pajem; chegava mesmo a ponto de dizer que um soldado de infantaria devia dançar de modo diferente do que um soldado de cavalaria; e partia daí para examinar toda a sociedade. Todas essas belas nuances estão bem longe de nós.

— Ah! — disse Blondet —, pões o dedo numa grande desgraça. Se Marcel tivesse sido compreendido, não teria havido a Revolução Francesa.

— Godofredo — continuou Bixiou — não percorreu a Europa sem observar a fundo as danças estrangeiras. Sem esse profundo conhecimento em coreografia, qualificado de fútil, talvez não tivesse ele amado aquela jovem; mas, dos trezentos convidados que se apertavam nos belos salões da Rue Saint-Lazare, foi ele o único a compreender o amor inédito que uma dança palradeira traía. É verdade que notaram o modo de Isaura d'Aldrigger; mas neste século em que todos exclamam: “Deslizemos, não apoiemos!”, um diz: “Ali está uma jovem que dança famosamente bem” (era um ajudante de tabelião); um outro: “Ali está uma mocinha que dança encantadoramente” (era uma dama de turbante); a terceira, uma mulher de trinta anos: “Aí está uma moçoila que não dança mal!”. Voltemos ao grande Marcel e digamos, parodiando seu dito mais famoso: “Quanta coisa num *avant-deux!*”.

— Epa, vamos um pouco mais depressa! — disse Blondet. — Estás alambicando.

— Isaura — disse Bixiou, olhando Blondet de esguelha — estava com um

vestido simples, de crepe branco enfeitado de fitas verdes, trazia uma camélia nos cabelos, uma na cintura, uma outra na fímbria do vestido, e uma camélia...

— Pronto, aí temos as trezentas cabras de Sancho!

— É toda a literatura, meu caro! *Clarissa* é uma obra-prima, tem catorze volumes, e o mais obtuso vaudevilleista é capaz de ta contar num ato. Contanto que eu te distraia, que mais queres? Aquela *toilette* era de um efeito delicioso; será que não gostas de camélias? Preferes dalias? Pois aí vai uma castanha! — disse Bixiou, o qual sem dúvida atirou uma castanha em Blondet, pois ouvimos um barulho no prato.

— Bem. Fiz mal, continua — disse Blondet.

— Continuo — disse Bixiou. — “Não é linda de desposar?”, disse Rastignac a Beaudenord mostrando-lhe a menina das camélias brancas, puras e sem falta de folha alguma. Rastignac era um dos íntimos de Godofredo. “Pois bem, estava pensando nisso”, respondeu-lhe Godofredo ao ouvido. Entretinha-me pensando que em vez de tremer a todo momento na própria felicidade, de atirar com grande trabalho uma palavra num ouvido desatento, de olhar, nos Italiens, se num penteado puseram uma flor encarnada ou branca, se no Bois de Boulogne se vê uma mão enluvada na almofada de um carro, como se faz em Milão, no Corso; se em vez de roubar uma bocada de babás por trás de uma porta, como um lacaio que termina uma garrafa; de gastar a inteligência para dar e receber uma carta, como um carteiro; se em vez de receber ternuras infinitas em duas linhas, ter hoje cinco volumes in-fólio para ler, amanhã uma entrega de duas folhas, o que é cansativo; se em vez de se arrastar numa rodeira por trás das sebes não seria melhor deixar-se levar pela adorável paixão cobiçada por J. J. Rousseau, amar muito simplesmente uma jovem como Isaura, com a intenção de fazer dela sua esposa, no caso de verificar durante a troca de sentimentos que os corações se convêm; enfim, de ser Werther — feliz! “É um ridículo como outro qualquer”, disse Rastignac



sem rir. “Em teu lugar é possível que eu mergulhasse nas delícias infinitas desse ascetismo; ele é novo, original e barato. Tua Mona Lisa é suave, mas tola como uma música de bailado, previno-te.” O modo pelo qual Rastignac disse essa última frase fez com que Beaudenord acreditasse ter o seu amigo interesse em desencantá-lo, e julgou-o seu rival, na sua qualidade de antigo diplomata. As vocações falhadas deixam vestígios sobre toda a vida. Godofredo embeicara-se tanto pela srta. Isaura d’Aldrigger que Rastignac foi procurar uma grande rapariga que estava conversando num salão de jogo, e disse-lhe ao ouvido: “Malvina, sua irmã acaba de puxar na sua rede um peixe que pesa dezoito mil francos de renda; ele tem um nome, certo prestígio na sociedade e apresentação; vigie-os; se o namoro se firma, esforce-se por ser a confidente de Isaura, a fim de não lhe deixar dizer uma palavra sem a ter corrigido”. Cerca de duas horas da madrugada, o camareiro veio dizer a uma pequena pastora dos Alpes, de quarenta anos, faceira como a Zerlina da ópera *Don Giovanni*, e junto à qual achava-se Isaura: “A carruagem da senhora baronesa está às ordens”. Godofredo viu então sua beleza de balada alemã levando sua fantástica mãe para o salão da saída, aonde as duas damas foram seguidas por Malvina. Godofredo, que fingiu (o criança!) ir informar-se em que pote de geleia se metera Joby, teve a felicidade de entrever Isaura e Malvina empacotando sua buliçosa mamãe numa peliça, e dispensando-se uma a outra esses pequenos cuidados de *toilette* exigidos por uma viagem noturna em Paris. As duas irmãs examinaram-no de soslaio, como gatas bem ensinadas que observam um camundongo sem parecer que lhe estão prestando atenção. Ele sentiu-se satisfeito ao ver o tom, o uniforme, as maneiras do grande alsaciano de libré, bem enluvado, que veio trazer grandes sapatos forrados para as três patroas. Nunca duas irmãs foram mais diferentes do que Isaura e Malvina. A mais velha, alta e morena; Isaura, pequena e franzina; esta de feições finas e delicadas; a outra de formas vigorosas e acentuadas; Isaura era a mulher que reina por sua

fraqueza e que um colegial se julga obrigado a proteger; Malvina era a mulher do “Vistes em Barcelona?”. Ao lado da irmã, Isaura produzia o efeito de uma miniatura perto de um retrato a óleo. “Ela é rica!”, disse Godofredo a Rastignac ao voltar para o baile. “Quem?” “Aquela mocinha.” “Ah! Isaura d’Aldrigger. Sim. A mãe é viúva, o marido dela teve Nucingen nos seus escritórios de Estrasburgo. Queres revê-la? Dirige um galanteio à sra. de Restaud, que dá um baile depois de amanhã; a baronesa d’Aldrigger e as duas filhas lá estarão, tu serás convidado!” Durante três dias, na câmara escura de seu cérebro, Godofredo viu a *sua* Isaura e as camélias brancas, e as atitudes da cabeça, como quando depois de contemplar muito tempo um objeto fortemente iluminado nós o tomamos a ver com os olhos fechados, em tamanho reduzido, radioso e colorido, cintilando no meio das trevas.

— Bixiou, estás caindo no fenômeno, condensa-nos teus quadros — disse Couture.

— Aqui está! — replicou Bixiou, tomando provavelmente a atitude de um garçom de café. — Aqui está, senhores, o quadro pedido! Atenção, Finot! É preciso fazer pressão na tua boca como um cocheiro de diligência na da sua pileca! A sra. Teodora-Margarida-Guilhermina Adolphus (da casa Adolphus & Companhia, de Manheim), viúva do barão d’Aldrigger, não era uma boa alemã grandalhona, compacta e refletida, branca, de rosto dourado como a espuma de um canecão de cerveja, enriquecida com todas as virtudes patriarcais que a Germânia possui romaneamente falando. Tinha as faces ainda frescas, coradas nas maçãs do rosto como as de uma boneca de Nuremberg, cachos buliçosos nas fontes, olhos provocantes, nem um único cabelo branco, uma cintura fina, e cujas pretensões eram postas em relevo por vestidos justos. Tinha na fronte e nas têmporas algumas rugas involuntárias que, como Ninon, ela bem quisera exilar para os calcanhares; mas as rugas persistiam em desenhar seus zigue-zagues nos lugares mais visíveis. Nela, as tonalidades do nariz

murchavam e a ponta se avermelhava, o que era tanto mais incômodo porque o nariz, então, se harmonizava com a cor das maçãs do rosto. Na qualidade de única herdeira, estragada pelos mimos dos pais, pelos mimos do marido, pelos de Estrasburgo, e sempre amimada pelas duas filhas que a adoravam, a baronesa permitia-se o cor-de-rosa, a saia curta, o laço na ponta do corpete que lhe desenhava o talhe. Quando um parisiense vê essa baronesa passando pelo bulevar, ele sorri, condena-a sem admitir, como o júri atual condena as circunstâncias atenuantes num fratricídio! O motejador é sempre uma criatura superficial e conseqüentemente cruel; o malandro não leva em conta a parte que toca à sociedade no ridículo do qual ele ri, porquanto a natureza não fez senão animais; os tolos nós os devemos ao estado social.

— O que acho de belo em Bixiou — disse Blondet — é que ele é completo: quando não zomba dos outros, faz troça de si mesmo.

— Blondet, eu te retribuirei isso — disse Bixiou, num tom astuto. — Se essa pequena baronesa era vaporosa, frívola, egoísta, incapaz de cálculo, a responsabilidade dos seus defeitos cabia à casa Adolphus & Companhia, de Manheim, ao amor cego do barão d'Aldrigger. Meiga como um cordeiro, essa baronesa tinha o coração terno, fácil de comover-se, mas a emoção, infelizmente, durava pouco, e conseqüentemente renovava-se amiúde. Quando o barão morreu, aquela pastora escapou de segui-lo, tão violenta foi a sua dor, violenta e verdadeira, mas... no dia seguinte, ao almoço, serviram-lhe ervilhas, de que ela gostava, e aquelas deliciosas ervilhas acalmaram a crise. Era tão cegamente amada pelas filhas, pela criadagem, que toda a casa se sentiu feliz por uma circunstância que lhe permitia ocultar à baronesa o doloroso espetáculo do préstimo fúnebre. Isaura e Malvina esconderam suas lágrimas daquela mãe adorada, e entretiveram-na com a escolha do luto, com sua encomenda, enquanto se estava cantando o *Réquiem*. Quando um féretro é colocado sobre aquele grande catafalco preto e branco, manchado de cera, que serviu a três mil

cadáveres de pessoas distintas antes de ser reformado, segundo a estimativa de um gato-pingado filósofo a quem consultei sobre esse ponto, entre dois copos de *petit-blanc*; quando um baixo clero completamente indiferente brada um *Dies irae*, quando o alto clero não menos indiferente reza o ofício fúnebre, sabem vocês o que dizem os amigos vestidos de preto, sentados ou de pé na igreja? (Aqui está o quadro pedido.) Reparem, estão vendo-os? “Quanto julgam que deixa o velho D’Aldrigger?”, dizia Desroches a Taillefer, que nos fez realizar, antes de sua morte, a mais linda orgia conhecida...

— Desroches nesse tempo era solicitador?

— Fez contrato em 1822 — disse Couture. — E era uma ousadia para o filho de um pobre empregado, que nunca teve mais de mil e oitocentos francos, e cuja mãe geria uma agência de papel estampilhado. Ele, porém, trabalhou firmemente de 1818 a 1822. Tendo entrado como quarto ajudante no escritório de Derville, em 1819 já era segundo ajudante!

— Desroches!

— Sim — disse Bixiou. — Como nós, Desroches rolou em cima da estrumeira do Jobismo. Cansado de vestir roupa muito apertada e de mangas curtas, ele devorou o Direito por desespero, e acabava de comprar um título nu. Solicitador sem vintém, sem clientela, sem mais amigos do que nós, ele tinha de pagar os juros de um cargo e de uma caução.

— Naquele tempo ele me dava a impressão de um tigre saído do Jardin des Plantes — disse Couture. — Magro, de cabelos ruivos, olhos da cor do tabaco espanhol, uma tez rude, ar frio e fleumático, mas duro com as viúvas, peremptório com os órfãos, trabalhador, terror dos seus empregados, que não podiam perder tempo, instruído, manhoso, dúplice, de uma elocução adocicada, nunca se exaltando, rancoroso ao modo de um homem judiciário.

— E tem coisas boas — disse Finot. — É dedicado aos amigos, e seu primeiro cuidado foi colocar Godeschal, o irmão de Marieta, como

chefe dos ajudantes.

— Em Paris — disse Blondet — o solicitador não tem senão dois matizes: há o solicitador homem de bem que permanece dentro dos termos da lei, faz marchar os processos, não corre atrás de negócios, não se descuida de nada, aconselha os clientes com lealdade, faz com que eles transijam nos pontos duvidosos: um Derville, enfim. Depois, há o solicitador famélico, para o qual tudo é bom, contanto que as custas estejam garantidas; que faria duelarem não montanhas (essas, ele as vende), mas planetas; que se encarrega do triunfo de um patife sobre um homem de bem, quando por acaso o homem de bem não regularizou sua situação. Quando um destes últimos solicitadores faz uma patifaria de mestre Gonin, um pouco forte demais, a Câmara força-o a vender. Desroches, nosso amigo Desroches, compreendeu essa profissão, muito pobremente organizada por pobres-diabos; ele comprou causas de gente que tremia de medo de perdê-las, atirou-se na chicana como resolvido a sair da miséria. Teve razão e exerceu muito honestamente o seu ofício. Achou protetores entre os políticos salvando-lhes os negócios atrapalhados, como para o nosso querido Des Lupeaulx, cuja posição estava tão comprometida. Precisava disso para se livrar das dificuldades, porque Desroches começou muito malvisto pelo Tribunal! Ele que retificava com tanto trabalho os erros dos seus clientes!... Vamos, Bixiou, voltemos atrás. Por que motivo estava Desroches na igreja?

— “D’Aldrigger deixa setecentos ou oitocentos mil francos!”, respondeu Taillefer a Desroches. “Ora essa! Não há senão uma pessoa que *lhes* saiba da fortuna”, disse Werbrust, um amigo do defunto. “Quem?” “Esse grande espertalhão do Nucingen. Ele irá até o cemitério; D’Aldrigger foi seu patrão, e por gratidão ele geria os bens do velhote.” “A viúva vai achar uma grande diferença!” “Que quer dizer com isso?” “Ora. D’Aldrigger amava tanto a mulher! Não riam, que estão nos olhando.” “Olha, ali está Du Tillet; veio bem atrasado, chega na Epístola.” “Com certeza desposará

a mais velha.” “Será possível?”, disse Desroches. “Ele está cada vez mais comprometido com a sra. Roguin.” “Ele?... comprometido?... você não o conhece.” “Sabem da posição de Nucingen e de Du Tillet?”, perguntou Desroches. “Ei-la”, disse Taillefer. “Nucingen é homem capaz de engolir o capital de seu antigo patrão e restituiu-lo...” “Hum! hum!”, fez Werbrust. “As igrejas são úmidas como o diabo. Hum! hum!” “Como, restituiu-lo?...” “Pois bem, Nucingen sabe que Du Tillet tem uma grande fortuna, ele quer casá-lo com Malvina; mas Du Tillet desconfia de Nucingen. Para quem vê o jogo, essa partida é divertida.” “Como!”, disse Werbrust, “já em condições de casar?... Como envelhecemos depressa!” “Malvina d’Aldrigger tem mais de vinte anos, meu caro. O velho D’Aldrigger casou em 1800! Deu-nos festas bem lindas, em Estrasburgo, por ocasião de seu casamento e do nascimento de Malvina. Era em 1801, na paz de Amiens, e nós estamos em 1823, tio Werbrust. Naquele tempo ossianizava-se tudo; por isso, chamou de Malvina a filha. Seis anos depois, no Império, houve durante algum tempo um furor pelas coisas cavalheirescas; era *Partant pour la Syrie*, uma porção de bobagens. Deu à segunda filha o nome de Isaura; ela tem dezessete anos. Aí estão duas raparigas casadouras.” “Dentro de dez anos essas mulheres não terão um vintém”, disse Werbrust confidencialmente a Desroches. “Há”, respondeu Taillefer, “o camareiro de D’Aldrigger, aquele velho que muge no fundo da igreja; viu educar as duas meninas, é capaz de tudo para conservar-lhes algo com o que viver.” (Os chantres: “*Dies irae!*”) (Os meninos do coro: “*Dies illa*”.) Taillefer: “Adeus, Werbrust; ao ouvir o *Dies irae* penso demais no meu pobre filho”. “Também me vou, está úmido em excesso”, disse Werbrust. (*In favilla*) (Os pobres na porta: “Uma esmolinha, meus caros senhores!”.) (O suíço: “Pan! pan! *Para as necessidades da igreja*”. Os chantres: “*Amém!*”. Um amigo: “De que morreu ele?”. Um curioso trocista: “De um vaso roto no calcanhar”. Um passante: “Sabem quem é o personagem que se deixou morrer?”. Um parente: “O presidente de

Montesquieu”. O sacristão aos pobres: “Retirem-se de uma vez, deram-nos para vocês, não peçam mais nada!”.)

— Que veia! — disse Couture.

Efetivamente, parecia-nos ouvir todo o movimento que se faz numa igreja. Bixiou imitava tudo, até o ruído das pessoas que saem com o corpo, por meio da movimentação dos pés no assoalho.

— Há poetas, romancistas, escritores que dizem lindas coisas a propósito dos costumes parisienses — disse Bixiou —, mas esta é a verdade a respeito de enterros. De cem pessoas que vão prestar as últimas homenagens a um pobre-diabo morto, noventa e nove falam de negócios e de divertimentos em plena igreja. Para observar-se uma pobre e pequenina dor verdadeira, são precisas circunstâncias impossíveis. E, ainda assim, haverá uma dor sem egoísmo?

— Hé! hé! — riu Blondet. — Não há nada menos respeitado do que a morte, e talvez é o que haja de menos respeitável, não? — disse ele.

— É tão comum! — replicou Bixiou. — Quando terminou a cerimônia, Nucingen e Du Tillet acompanharam o defunto ao cemitério. O velho camareiro ia a pé. O cocheiro conduzia o carro por trás do clero. “*E enton! mínia boa amiga*”, disse Nucingen a Du Tillet, ao dobrar no bulevar, “*o momento é splêndide parra dezposar Malfina; o zinior serrá a protetor deste pobre família em pranto, o zinior terrá um família, uma interior; o zinior encontrará um casa já formata, e Malfina é, nong tem túlvita, um fertateiro tesouro.*”

— Parece-me estar ouvindo o velho Roberto Macáric de Nucingen falar — disse Finot.

— “Uma criatura encantadora”, respondeu Ferdinando du Tillet com fogo e sem se acalorar — disse Bixiou.

— Du Tillet inteirinho numa palavra! — exclamou Couture.

— “Ela poderá parecer feia para aqueles que não a conhecem, mas, confesso, ela tem alma”, dizia Du Tillet. “*E corraçon, que é o melhor, meu*

*caro; ela terrá teticazon e intelichentzia. Na nossa descraziante profezion, non ze zabe ni quem vive ni quem móri; é um grande felizitate a chente poder confiar no corraçon ta sua mulier. Eu pem que trocaria Telfine, que, vozê zape, me trouze mais de uma million, por Malfina, que non tem uma dote tan crante.*” “Mas quanto tem ela?” “O egzato eu non zeí”, disse o barão de Nucingen, “*mas ela tem qualquerr coiza.*” “Ela tem uma mãe que gosta bastante do cor-de-rosa!”, disse Du Tillet. Essas palavras puseram fim às tentativas de Nucingen. Depois do jantar, o barão comunicou a Wilhelmine-Adolphus que lhe restavam somente quatrocentos mil francos em seu poder. A filha dos Adolphus de Manheim, reduzida a vinte e quatro mil francos de renda, perdeu-se em cálculos que se lhe baralhavam na cabeça. “Como!”, dizia ela a Malvina, “como! eu sempre tive seis mil francos para nós na costureira! Mas onde teu pai conseguia dinheiro? Com vinte e quatro mil francos não teremos nada, estamos na miséria. Ah! Se meu pai me visse assim decaída, morreria, se já não estivesse morto! Pobre Wilhelmine!” E pôs-se a chorar. Malvina, não sabendo como consolar a mãe, fez-lhe ver que ela ainda era moça e bonita, o cor-de-rosa continuava a sentar-lhe, ela iria à Ópera, aos Bouffons, no camarote da sra. de Nucingen. Adormeceu a mãe num sonho de festas, de bailes, de música, de belas *toilettes* e de triunfos, o qual começou sob os cortinados de um leito de seda azul, num quarto elegante, contíguo àquele no qual, duas noites antes, expirara o sr. João Batista, barão d’Aldrigger, cuja história aqui vai em três palavras: em vida, esse respeitável alsaciano, banqueiro em Estrasburgo, fizera uma fortuna de cerca de três milhões. Em 1800, com trinta e seis anos de idade, no apogeu de uma fortuna feita durante a Revolução, ele desposara, por ambição e inclinação, a herdeira dos Adolphus de Manheim, moça adorada por toda a família, e, naturalmente, ela recolheu a fortuna de todos no espaço de dez anos. D’Aldrigger foi então baronificado por Sua Majestade o imperador e rei, porque sua fortuna duplicou; mas apaixonou-se pelo grande homem que



lhe dera um título. Portanto, em 1814 e 1815, arruinou-se por ter levado a sério o sol de Austerlitz. O honrado alsaciano não suspendeu pagamentos, não indenizou seus credores com os valores que julgava ruins; pagou tudo à boca do cofre, retirou-se do banco e mereceu o qualificativo dado por seu antigo primeiro caixeiro, Nucingen, de “Homem honrado, mas idiota!”. Feitas as contas, sobraram-lhe quinhentos mil francos e cobranças sobre o Império que não mais existia. “*Aí stá o que é terr acretitato temais em Napoleon*”, disse ele ao ver o resultado de sua liquidação. Quando se foi dos primeiros na sua cidade, como é possível ficar nela, diminuído?... O banqueiro da Alsácia fez o que fazem todos os provincianos arruinados; veio para Paris, usou corajosamente suspensórios tricolores nos quais estavam bordadas as águias imperiais e concentrou-se na sociedade bonapartista. Entregou seus fundos ao barão de Nucingen, o qual lhe deu oito por cento de tudo, aceitando seus créditos sobre o Império a sessenta por cento de perda somente, o que foi causa de D’Aldrigger apertar a mão de Nucingen dizendo-lhe: “*Eu pem sapia de achar, em tu, um corraçon de alzaciano!*”. Nucingen fez-se pagar integralmente por nosso amigo Des Lupeaulx. Conquanto bem sovado, o alsaciano teve um rendimento industrial de quarenta e quatro mil francos. Seu pesar complicou-se de *spleen*, doença que ataca as pessoas acostumadas a viver pelo movimento dos negócios, quando se veem privadas deles. O banqueiro impôs-se como um dever sacrificar-se, nobre coração, por sua mulher, cuja fortuna acabava de ser devorada, e que ela deixara ser levada com a facilidade de uma rapariga para quem os assuntos de dinheiro eram completamente desconhecidos. A baronesa d’Aldrigger tornou, pois, a encontrar os gozos a que estava habituada; o vácuo que lhe podia causar a sociedade de Estrasburgo foi preenchido pelos prazeres de Paris. A Casa Nucingen já então marchava à frente, como ainda marcha hoje, da sociedade financeira, e o barão, hábil, considerou ponto de honra tratar bem o barão honrado. Essa bela virtude

causava bom efeito no salão Nucingen. Cada inverno desfalcava um pouco o capital de D'Aldrigger; ele, porém, não se animava a fazer a mais leve censura à pérola dos Adolphus: sua ternura foi das mais engenhosas e inteligentes do mundo. Homem de bem, mas idiota! Morreu perguntando a si mesmo: "Que será delas sem mim?". Depois, num momento em que ficou a sós com o seu velho camareiro Wirth, o bom homem, entre duas sufocações, recomendou-lhe a mulher e as filhas, como se aquele Caleb da Alsácia fosse o único ser racional que houvesse na casa. Três anos depois, em 1826, Isaura contava vinte anos de idade e Malvina não estava casada. Frequentando a sociedade, Malvina acabara verificando quão superficiais são ali as relações, como tudo ali é examinado, definido. Semelhante à maioria das moças *bem-educadas*, Malvina ignorava o mecanismo da vida, a importância da fortuna, a dificuldade para obter a menor quantia, o preço das coisas. Por isso, durante esses seis anos, cada conhecimento adquirido fora um ferimento para ela. Os quatrocentos mil francos deixados pelo falecido D'Aldrigger à Casa Nucingen foram levados a crédito da baronesa, porque a sucessão do marido devia-lhe um milhão e duzentos mil francos, e nos momentos de aperto a pastora dos Alpes a eles recorria como a um caixa inesgotável. No momento em que o nosso pombo se dirigia para a sua pombinha, Nucingen, conhecendo o caráter de sua antiga patroa, deve ter-se aberto com Malvina a respeito da situação financeira em que se achava a viúva: não havia mais do que trezentos mil francos em suas mãos, estando os vinte e quatro mil francos de renda reduzidos a dezoito. Wirth mantivera a situação durante três anos! Após a confiança do banqueiro, os cavalos foram aposentados, o carro, vendido, e o cocheiro despedido por Malvina, sem que sua mãe tivesse conhecimento disso. O mobiliário do palacete, que já contava dez anos de existência, não pôde ser renovado, mas tudo se estiolara ao mesmo tempo. Para os que gostam da harmonia, não havia nisso mais do que um ambiente insalubre. A baronesa, aquela flor tão bem conservada, tomara o

aspecto de uma rosa fria e crispada que permanece isolada numa moita, em meados de novembro. Eu, que aqui lhes falo, vi aquela opulência degradando-se por tonalidades, por meios-tons! Apavorante! Palavra de honra. Foi o meu último pesar. Depois, disse a mim mesmo: É uma estupidez interessar-se tanto pelos outros! Enquanto estive empregado, cometia a tolice de me interessar por todas as casas onde jantava, em caso de maledicência eu as defendia, não as caluniava, eu... Oh! Era uma criança. Quando a filha lhe explicou a situação, a ex-pérola exclamou: “Minhas pobres filhas! Quem me fará os vestidos? Não poderei mais ter toucas novas, nem receber, nem frequentar a sociedade!”. Quais são os indícios por meio dos quais vocês julgam que se reconhece o amor num homem? — perguntou Bixiou, interrompendo-se. — Trata-se de saber se Beaudenord estava verdadeiramente apaixonado por aquela lourinha.

— Ele se descuidou dos seus negócios — respondeu Couture.

— Ele veste três camisas por dia — disse Finot.

— Uma pergunta prévia — disse Blondet. — Um homem superior pode e deve apaixonar-se?

— Meus amigos — disse Bixiou com ar sentimental —, preservemo-nos, como de um animal venenoso, do homem que, sentindo-se louco de amor por uma mulher, faz estalar os dedos, ou atira fora o charuto, dizendo: “Ora! Existem outras no mundo!”. Mas o governo pode empregar esse cidadão no Ministério do Exterior. Faça-te observar, Blondet, que Godofredo abandonara a diplomacia.

— Pois bem! Ele foi absorvido, o amor é a única probabilidade que os tolos têm para se engrandecer — respondeu Blondet.

— Blondet, por que somos nós tão pobres? — exclamou Bixiou.

— E por que Finot é rico? — replicou Blondet. — Eu te direi por que, meu filho; nós nos entenderemos. Vamos, aí está Finot servindo-me bebida como se eu lhe tivesse carregado sua lenha. Mas no fim de um jantar deve-se degustar o vinho. E então?

— Tu o disseste: o absorvido Godofredo travou amplas relações com a grande Malvina, a frívola baronesa e a pequena dançarina. Caiu na mais minuciosa e adstringente sujeição. Aqueles restos de uma opulência corrompida não o assustaram. Ah!... ora! Ele acostumou-se gradativamente a todos aqueles farrapos. Nunca a lâmpada verde, enfeitada de branco, do salão pareceu àquele rapaz nem gasta, nem velha, nem manchada, nem precisando ser substituída. As cortinas, a mesa do chá, as bugigangas chinesas espalhadas por sobre a lareira, o lustre rococó, os tapetes, imitação de casimira, mostrando os fios, o piano, o pequeno aparelho de chá, de florzinhas, os guardanapos, de franjas e também furados à espanhola, o salão persa que antecedia o quarto de dormir azul da baronesa, com os seus acessórios, tudo para ele foi santo e sagrado. As mulheres estúpidas e nas quais a beleza brilha de modo a deixar na sombra o espírito, o coração e a alma são as únicas que podem inspirar semelhantes descuidos, porquanto uma mulher de espírito não abusa nunca de suas vantagens, é preciso ser mesquinha e tola para se apoderar de um homem. Beaudenord, ele próprio me disse, gostava do velho e solene Wirth! Esse velho original tinha pelo seu futuro senhor o respeito de um crente católico pela Eucaristia. Aquele honrado Wirth era um Gaspard alemão, um desses bebedores de cerveja que mascaram sua esperteza com a bonomia, como um cardeal da Idade Média, de punhal na manga. Wirth, vendo em Godofredo um marido para Isaura, cercava-o dos rodeios e circunlocações arábicas de sua bonomia alsaciana, o mais pegajoso visgo de todas as matérias adesivas. A sra. d’Aldrigger era profundamente *improper*; achava que o amor era a coisa mais natural. Quando Isaura e Malvina saíam juntas e iam às Tuileries ou aos Champs-Élysées, onde deviam encontrar rapazes de seu meio social, a mãe dizia-lhes: “Divirtam-se bem, queridas filhas!”. Seus amigos, os únicos que poderiam caluniar as duas irmãs, defendiam-nas; porque a desmedida liberdade que todos tinham no salão dos D’Aldrigger tornou

este um lugar único em Paris. Mesmo com milhões, dificilmente se teriam conseguido semelhantes saraus, nos quais se falava de tudo com espírito, onde a *toilette* de rigor não era exigida, onde se estava à vontade a ponto de pedir para cear lá. As duas irmãs escreviam a quem lhes agradasse, recebiam cartas tranquilamente, ao lado da mãe, sem que nunca ocorresse à baronesa a ideia de perguntar de que se tratava. Essa adorável mãe dava às filhas todos os benefícios de seu egoísmo, a mais amável paixão do mundo, neste sentido que os egoístas, não querendo ser incomodados, não incomodam ninguém e não atrapalham a vida daqueles que os cercam, pelas silvas do conselho, pelos espinhos das admoestações nem pelas implicâncias de vespa que se permitem as amizades excessivas, as quais querem saber tudo, controlar tudo...

— Tu me atinges no coração — disse Blondet. — Mas, meu caro, tu não narras, tu *pilherias*.

— Blondet, se não estivesses embriagado, tu me magoarias. De nós quatro ele é o único homem seriamente literário! Por causa dele, eu lhes estou fazendo a honra de os tratar como a finos apreciadores de petiscos, instilando-lhes minha história, e ele ainda me critica! Meus amigos, o maior sinal de esterilidade espiritual é o acúmulo de fatos. A sublime comédia do *Misanthropo* prova que a arte consiste em edificar um palácio na ponta de uma agulha. O mito da minha ideia está na varinha das fadas que pode fazer da planície de Sablon um Interlaken em dez segundos (o tempo de esvaziar este copo). Querem que eu lhes faça uma narrativa que vá como uma bala de canhão, um relatório de general em chefe? Estamos conversando, rindo, e este jornalista, biblióforo em jejum, quer, quando está bêbado, que eu dê à minha língua o feitio idiota de um livro (ele fingiu chorar). Desgraçada da imaginação francesa, querem embotar as agulhas do seu gracejo! *Dies irae*. Choremos *Cândido* e viva a *Crítica da razão pura!*, *a simbólica*, e os sistemas em cinco volumes compactos, impressos por alemães que não sabiam

existirem eles em Paris, desde 1750, em algumas palavras finas, os diamantes da nossa inteligência nacional. Blondet conduz o préstito fúnebre do seu suicídio, ele que em seu jornal escreve as últimas palavras dos grandes homens que morrem sem dizer nada.

— Segue teu caminho — disse Finot.

— Eu quis explicar-lhes no que consiste a felicidade de um homem que não é acionista (uma gentileza para Couture!). Pois bem, não estão vendo agora por que preço Godofredo obteve a mais extensa felicidade que um rapaz possa sonhar?... Ele estudava Isaura para ter certeza de ser compreendido!... As coisas que se compreendem umas às outras devem ser similares. Ora, nada há de igual a si mesmo, senão o nada e o infinito; o nada é a tolice, o gênio é o infinito. Esses dois amantes escreviam um ao outro as mais estúpidas cartas do mundo, devolvendo reciprocamente as palavras na moda em papel perfumado: *anjo! harpa eólia! contigo serei completo! há um coração no meu peito de homem! fraca mulher! pobre de mim*, toda a velharia do coração moderno. Godofredo ficava apenas dez minutos num salão, conversava sem nenhuma pretensão com as mulheres; elas o achavam então muito espirituoso. Ele era dos que não têm outro espírito senão aquele que lhes atribuem. Enfim, julguem da sua absorção: Joby, seus cavalos, seus carros tornaram-se coisas secundárias na sua existência. Ele só se sentia feliz mergulhado na sua boa poltrona em frente à baronesa, no canto daquela lareira de mármore verde antigo, entretido em ver Isaura, em tomar chá conversando com a pequena roda de amigos que vinham todas as noites, entre onze horas e meia-noite, à Rue Joubert, e onde sempre se podia jogar a *bouillotte* sem receio; sempre ganhei, lá. Quando Isaura avançava seu lindo pezinho calçado com um sapato de cetim preto, e Godofredo o contemplava muito tempo, este ficava por último e dizia a Isaura: “Dá-me teu sapato...”. Isaura erguia o pé, punha-o sobre uma cadeira, tirava o sapato e dava-lho, dirigindo-lhe um olhar, um desses olhares... enfim, compreendem, não? Godofredo acabou

por descobrir um grande mistério em Malvina. Quando Du Tillet batia à porta, o rubor que coloria vivamente as faces da moça dizia: *Ferdinando!* Ao olhar para aquele tigre de dois pés, os olhos da pobre rapariga chamejavam como um braseiro por sobre o qual passasse uma corrente de ar; deixava transparecer um prazer infinito quando Ferdinando a levava para junto de um consolo ou de uma janela para conversarem a sós. Como é raro e belo uma mulher suficientemente apaixonada para tornar-se ingênua e deixar ler em seu coração! Meu Deus, isso em Paris é tão raro quanto nas Índias a flor que canta. Apesar dessa amizade iniciada desde o dia em que os D'Aldrigger apareceram em casa dos Nucingen, Ferdinando não desposava Malvina. Nosso feroz amigo Du Tillet nunca se mostrou enciumado com a corte assídua que Desroches fazia a Malvina, porquanto para acabar de pagar seu cartório, com um dote que não parecia ser inferior a cinquenta mil escudos, ele fingira amar, ele, o homem do Palácio da Justiça! Embora profundamente humilhada com a despreocupação de Du Tillet, Malvina amava-o muito para fechar-lhe a porta. Naquela moça, toda ela alma, toda sentimento, toda expansão, ora o orgulho cedia ao amor, ora o amor ofendido deixava o orgulho dominar. Calmo e frio, nosso amigo Ferdinando aceitava aquela ternura, respirava-a com a tranquila delícia do tigre lambendo o sangue que lhe tinge a goela; vinha ali em busca das provas, não passava dois dias sem aparecer na Rue Joubert. O tratante possuía então um milhão e oitocentos mil francos; a seus olhos a questão fortuna devia ser de pouca importância; ele resistira não somente a Malvina, mas também aos barões de Nucingen e de Rastignac, os quais tinham-no feito palmilhar setenta e cinco léguas por dia, com guias de quatro francos, e postilhão na frente, e sem fio, nos labirintos de sua esperteza. Godofredo não pôde deixar de falar à sua futura cunhada da situação ridícula em que ela se achava entre um banqueiro e um solicitador. “Você me quer arengar a respeito de Ferdinando, saber o segredo que existe entre nós”, disse ela com

franqueza. “Querido Godofredo, não reincidenta nisso. As origens de Ferdinando, seus antecedentes, sua fortuna, nada tem que ver com isto; assim é que deve crer numa coisa extraordinária.” Entretanto, daí a alguns dias, Malvina tomou Beaudenord à parte e lhe disse: “Não julgo o sr. Desroches um homem de bem (o que é o instinto do amor!), ele desejaria desposar-me, e corteja a filha de um vendeiro. Eu desejaria saber se sou um último recurso, se o casamento para ele é uma questão de dinheiro”. Apesar da profundidade de seu espírito, Desroches não podia decifrar Du Tillet, e temia vê-lo desposar Malvina. Portanto, o tipo reservara-se uma saída; sua situação era intolerável, ele ganhava apenas, líquido, os juros de sua dívida. As mulheres nada compreendem dessas situações. Para elas o coração é sempre milionário.

— Mas, posto que nem Desroches nem Du Tillet desposaram Malvina — disse Finot —, explica-nos o segredo de Ferdinando.

— O segredo é este — respondeu Bixiou. — Regra geral: uma moça que deu uma única vez seu sapato, embora o recuse durante dez anos, não é nunca desposada por aquele que...

— Tolice! — disse Blondet, interrompendo. — Ama-se também por já se ter amado. O segredo é este: regra geral, não se case sendo sargento, quando você pode vir a ser duque de Dantzick e marechal da França. Por isso já veem que casamento fez Du Tillet! Desposou uma das filhas do conde de Granville, uma das mais antigas famílias da magistratura francesa.

— A mãe de Desroches — continuou Bixiou — tinha uma amiga, a mulher de um droguista, o qual retirara-se dos negócios gordo de fortuna. Esses droguistas têm ideias bem extravagantes: para dar à filha uma boa educação, ele a pusera num internato!... Esse Matifat contava bem casar a filha, pela razão de duzentos mil francos, em bom dinheiro sonante que não tinha cheiro de drogas.

— O Matifat de Florina? — perguntou Blondet.



— Pois bem! É o de Lousteau, o nosso, enfim! Esses Matifat, perdidos então para nós, tinham vindo morar na Rue du Cherche-Midi, o quarteirão mais oposto à Rue des Lombards, onde tinham feito fortuna. Eu, sim, que os estudei, aos Matifat! Durante o meu tempo de galeriano ministerial, quando ficava encerrado durante oito horas entre bobalhões de vinte e dois quilates, vi originais que me convenceram de que a sombra tem asperezas, e que nas maiores chatezas pode haver ângulos! Sim, meu caro, um determinado burguês está para tal outro assim como Rafael está para Natoire. — A senhora viúva Desroches tinha há muito agenciado aquele casamento para o filho, apesar do enorme obstáculo constituído por um certo Cochin, filho do sócio comanditário dos Matifat, jovem funcionário do Ministério das Finanças. Aos olhos do sr. e da sra. Matifat, a profissão de solicitador parecia, segundo a expressão deles, oferecer garantias para a felicidade de uma mulher. Desroches prestara-se aos planos de sua mãe a fim de ter um último recurso. Poupava pois os droguistas da Rue du Cherche-Midi. Para lhes fazer compreender um outro gênero de felicidade, seria preciso descrever-lhes esses dois negociantes macho e fêmea, que dispunham de um jardimzinho, instalados num belo andar térreo, divertindo-se em contemplar um repuxo, delgado e comprido como uma espiga, que funcionava perpetuamente e jorrava de uma pequena mesa redonda de pedra calcária, situada no centro de um tanque de seis pés de diâmetro; levantando-se ao clarear do dia para ver se as flores do seu jardim tinham nascido, ociosas e inquietas, vestindo-se por vestir-se, aborrecendo-se no teatro e sempre entre Paris e Luzarches, onde tinham uma casa de campo e onde jantei. Um dia, Blondet, eles quiseram mistificar-me, eu então lhes contei uma história desde as nove horas até a meia-noite, uma aventura com capítulos. Eu estava na introdução do meu vigésimo nono personagem (os romances de rodapé me roubaram), quando o velho Matifat, que na qualidade de dono da casa ainda estava aguentando firme,

roncou como os outros, depois de ter piscado durante cinco minutos. No dia seguinte todos me felicitaram pelo desenlace da minha história. A sociedade desses merceeiros constava do sr. e da sra. Cochin, de Adolfo Cochin, da sra. Desroches, do pequeno Popinot, droguista em exercício que lhes dava notícias da Rue des Lombards (um homem a quem conheces, Finot). A sra. Matifat, que gostava das artes, comprava litografias, litocromias, desenhos coloridos, tudo o que havia de mais barato. O sr. Matifat distraía-se examinando as novas empresas e tentando jogar com alguns capitais a fim de sentir emoções (Florina curara-o do gênero Regência). Basta uma palavra para lhes fazer compreender a profundidade do meu Matifat. O bom homem dava às sobrinhas um boa-noite assim: “Vai te deitar, minhas sobrinhas!”. Tinha medo, dizia ele, de afligi-las não as tratando por “vocês”. A filha deles era uma moça sem distinção, com o ar de uma criada de quarto de casa abastada, tocando uma sonata como era possível, tendo uma bonita caligrafia inglesa, sabendo o francês e a ortografia, enfim, uma educação burguesa completa. Estava impaciente por casar-se a fim de deixar a casa paterna, onde se aborrecia como um oficial de Marinha no turno da noite; é preciso, entretanto, dizer que o turno durava o dia todo. Desroches ou Cochin filho, um tabelião ou um soldado da guarda, um falso lorde inglês, qualquer marido lhe servia. Como evidentemente ela nada conhecia da vida, tive piedade dela e quis revelar-lhe o grande mistério. Ora pílulas! Os Matifat fecharam-me a porta; os burgueses e eu jamais nos compreenderemos.

— Ela desposou o general Gouraud — disse Finot.

— Em quarenta e oito horas, Godofredo de Beaudenord, o ex-diplomata, adivinhou os Matifat e sua intrigante corrupção — continuou Bixiou. — Por acaso, Rastignac achava-se em casa da frívola baronesa, conversando no canto do fogo, enquanto Godofredo fazia seu relatório a Malvina. Algumas palavras feriram-lhe o ouvido, adivinhou do que se tratava,

sobretudo pelo ar azedamente satisfeito de Malvina. Rastignac ficou até as duas horas da madrugada, ele, a quem há pessoas que chamam de egoísta! Beaudenord retirou-se, quando a baronesa foi deitar-se. “Querida filha”, disse Rastignac a Malvina com ar bondoso e paternal, quando ficaram sós, “lembre-se de que um pobre rapaz louco de sono tomou chá para ficar desperto até as duas horas da madrugada, a fim de lhe poder dizer solenemente: case-se. Não se mostre exigente, não se preocupe com os seus sentimentos, não pense no ignóbil cálculo dos homens que têm um pé aqui e o outro em casa dos Matifat, não reflita em nada; case-se! Para uma moça, casar-se é impor-se a um homem que assume o compromisso de a fazer viver numa situação mais ou menos feliz, mas na qual o lado material fica garantido. Conheço o mundo; moças, mães e avós são todas hipócritas, quando batem a tecla do sentimento em se tratando de casamento. Nenhuma delas pensa em outra coisa a não ser numa posição. Quando a filha está bem casada, a mãe diz que ela fez um ótimo negócio.” E Rastignac desenvolveu-lhe sua teoria a respeito do casamento, o qual, segundo ele, é uma sociedade comercial instituída para suportar a vida. “Não lhe peço seu segredo”, disse ele a Malvina ao terminar, “conheço-o. Os homens, entre eles, dizem tudo uns aos outros, como vocês, quando saem depois do jantar. Pois bem, aqui está minha última palavra: case-se. Se não se casar, lembre-se de que eu, aqui, lhe supliquei que o fizesse!” Rastignac falava com um certo acento que solicitava não a atenção, mas a reflexão. Sua insistência era de natureza a surpreender. Malvina foi, nesse momento, tão atingida no âmago da inteligência, o ponto justamente em que Rastignac quisera atingi-la, que ainda pensava nisso no dia seguinte e buscava inutilmente a causa daquela advertência.

— Não vejo todas essas petas que nos atiras, nada que se pareça com a origem da fortuna de Rastignac, e nos estás tomando por Matifats multiplicados por seis garrafas de champanhe — exclamou Couture.

— Lá chegamos — disse Bixiou. — Vocês seguiram o curso de todos os regatos que fazem os quarenta mil francos de renda que tanta gente inveja! Rastignac tinha então, nas mãos, o fio de todas essas existências.

— Desroches, os Matifat, Beaudenord, os D'Aldrigger, D'Aiglemont...

— E de cem outros — disse Bixiou.

— Vejamos! Como? — exclamou Finot. — Sei de muita coisa e não entrevejo a chave desse enigma.

— Blondet nos falou por alto das duas primeiras liquidações de Nucingen; aqui têm a terceira em pormenores — replicou Bixiou. — Desde a paz de 1815, Nucingen compreendeu o que nós só hoje compreendemos: que o dinheiro só é uma potência quando se encontra em quantidades desproporcionadas. Secretamente ele invejava os irmãos Rothschild. Ele possuía cinco milhões e queria ter dez! Com dez milhões sabia que poderia ganhar trinta, ao passo que com cinco só obteria quinze. Resolvera, pois, operar uma terceira liquidação! Esse grande homem pensava então em pagar seus credores com valores fictícios, ficando-lhes com o dinheiro. Na praça, uma concepção desse gênero não se apresenta sob uma expressão tão matemática. Semelhante liquidação consiste em dar um pequeno pastel por um luís de ouro às crianças grandes, que, como as pequenas de outrora, preferem o pastel à moeda, sem saber que com esta podem obter duzentos pastéis.

— Que estás aí a dizer, Bixiou? — exclamou Couture. — Mas se nada é mais leal, não se passa uma semana que seja, hoje em dia, sem que se apresentem ao público pastéis, pedindo-lhe um luís. Mas o público é forçado a dar seu dinheiro? Não tem ele o direito de procurar esclarecimentos?

— Vocês prefeririam que ele fosse obrigado a se tornar acionista — disse Blondet.

— Não — disse Finot. — Onde estaria o talento?

— Isto é muito forte para Finot — disse Bixiou.

— Quem foi que deu a ele essa expressão? — perguntou Couture.

— Enfim — disse Bixiou —, Nucingen tivera por duas vezes a sorte de dar, sem querer, um pastel que resultara valer mais do que o que recebera. Essa desgraçada sorte causava-lhe remorsos. Semelhantes felicidades acabam por matar um homem. Fazia dez anos que ele esperava a oportunidade de não mais se enganar, de criar valores que tivessem o ar de valer alguma coisa e que...

— Mas — disse Couture —, explicando a finança dessa forma, não há comércio possível. Mais de um banqueiro leal persuadiu, com a aprovação de um governo leal, os mais espertos bolsistas a comprarem fundos, que, em determinado tempo, deviam sofrer depreciação. Já viram coisa melhor do que isso! Não foram emitidos, sempre com consentimento e apoio dos governos, valores para pagar os interesses de certos fundos, a fim de lhes manter o curso e poder desfazer-se deles? Essas operações têm mais ou menos analogia com a liquidação Nucingen.

— Em ponto pequeno — disse Blondet — o negócio pode parecer singular; mas, em grande escala, é a alta finança. Existem atos arbitrários que, de indivíduo a indivíduo, são criminosos, mas que, estendidos a uma multidão qualquer, ficam reduzidos a nada, como uma gota de ácido prússico que numa tina de água se torna inócua. Se vocês matam um homem, são guilhotinados. Mas se, com uma convicção governamental qualquer, vocês matam quinhentos homens, respeita-se o crime político. Se você tira cinco mil francos da minha secretária, vai para a cadeia. Mas com o condimento de um lucro a fazer, posto na goela de mil bolsistas, você os obriga a se apoderarem das rendas de não sei que república ou monarquia falida, emitidas, como diz Couture, para pagar os juros dessas mesmas rendas: ninguém pode queixar-se. Eis os verdadeiros princípios dessa idade de ouro que estamos vivendo.

— A encenação de uma máquina tão vasta — replicou Bixiou — exigia muitos Polichinelos. Primeiro que tudo, a Casa Nucingen tinha

conscientemente e de caso pensado empregado seus cinco milhões num negócio na América, negócio esse cujos lucros tinham sido calculados de modo a chegar tarde demais. Premeditadamente a casa esvaziara seu caixa. Toda liquidação deve ser motivada. Possuía em fundos particulares e em valores emitidos cerca de seis milhões. Entre os fundos particulares achavam-se os trezentos mil francos da baronesa d'Aldrigger, os quatrocentos mil de Beaudenord, um milhão de D'Aiglemont, trezentos mil de Matifat, meio milhão de Carlos Grandet, marido da srta. de Aubrin, etc. Se ele próprio criasse uma empresa industrial por ações, com as quais se propusesse indenizar seus credores, por meio de manobras mais ou menos hábeis, Nucingen poderia ser alvo de suspeitas; ele porém agiu com mais esperteza: fez com que outro criasse! Essa máquina destinada a representar o papel do Mississippi do sistema de Law. Uma das particularidades de Nucingen é fazer com que as mais hábeis pessoas da praça sirvam seus planos, sem lhos comunicar. Nucingen aventou perante Du Tillet a ideia piramidal e vitoriosa de combinar uma empresa por ações que constituísse um capital bastante forte para poder proporcionar, nos primeiros tempos, grandes juros aos acionistas. Experimentada pela primeira vez, num momento em que abundassem capitais ingênuos, essa combinação devia produzir uma alta das ações e, por consequência, um benefício para o banqueiro que as tivesse emitido. Lembrem-se de que isto é coisa de 1826. Embora impressionado com aquela ideia, tão fecunda quanto engenhosa, Du Tillet pensou naturalmente que, se a empresa não tivesse êxito, haveria qualquer censura. Por isso, sugeriu que fizessem aparecer um diretor responsável para aquela máquina comercial. Conhecem agora o segredo da casa Claparon, fundada por Du Tillet, uma das suas mais belas invenções!

— Sim — disse Blondet —, o editor responsável em finanças, o agente provocador, o bode expiatório, mas hoje somos mais fortes, botamos: Dirigir-se à *administração da coisa*, rua tal, número tantos, onde o público

encontra empregados de casquetes verdes, lindos como auxiliares de beleguim.

— Nucingen apoiara a casa Carlos Claparon com todo o seu crédito — continuou Bixiou. — Podia-se atirar sem temor, em algumas praças, um milhão de papel Claparon. Du Tillet propôs, portanto, levar em frente a casa Claparon. Adotado. Em 1825, o acionista não era mimado nas concepções industriais. *O fundo de disponibilidades era desconhecido!* Os gerentes não assumiam o compromisso de não emitir suas ações beneficiárias, não depositavam nada no banco, nada garantiam. Não se explicava a comandita dizendo ao acionista que se fazia o favor de não lhe pedir mais de mil ou quinhentos, ou mesmo duzentos e cinquenta francos! Não se divulgava que a experiência *in aere publico* não duraria senão sete, cinco ou mesmo três anos, e que assim o desenlace não se faria esperar muito tempo. Era a infância da arte! Nem sequer se fizera intervir a publicidade desses gigantescos anúncios pelos quais se estimulam as imaginações, pedindo dinheiro a todo mundo...

— Isso acontece quando ninguém quer dar — disse Couture.

— Finalmente, não existia concorrência nessa espécie de empresa — disse Bixiou. — Os fabricantes de massa de papel, de impressões em chita, os laminadores de zinco, os teatros, os jornais não se atiravam como cães para o estraçalhamento do acionista expirante. Os belos negócios por ações, como, diz Couture, tão ingenuamente publicados, apoiados em relatórios de peritos (os principais da ciência!...), eram tratados vergonhosamente no silêncio e na sombra da Bolsa. Os linces executavam, financeiramente falando, a ária da calúnia do *Barbeiro de Sevilha*.

Iam *piano, piano*, procedendo por meio de leves diz que diz que, sobre a excelência do negócio, murmurados de boca a ouvido. Não exploravam o paciente, o acionista, a não ser a domicílio, na Bolsa, ou na sociedade, por aquele rumor habilmente criado e que se avolumava até ao *tutti* de uma quota de quatro algarismos...

— Mas, embora estejamos entre nós e possamos tudo nos dizer, eu voltarei sobre o assunto — disse Couture.

— Sois ourives, sr. Josse? — disse Finot.

— Finot permanecerá clássico, constitucional e arcaico — disse Blondet.

— Sim, sou ourives — replicou Couture, por causa de quem Cérizet acabava de ser condenado na polícia correcional. — Sustento que o novo método é infinitamente menos traiçoeiro, mais leal, menos assassino do que o antigo. A publicidade permite a reflexão e o exame. Se algum acionista é *engazopado*, é porque veio por sua própria e espontânea vontade, não se lhe venderam *nabos em saco*. A indústria...

— Pronto, aí temos a indústria! — exclamou Bixiou.

— A indústria ganha com isso — continuou Couture sem dar importância à interrupção. — Todo governo que se intromete no comércio e não o deixa livre comete uma grossa asneira: ou chega ao Máximo, ou ao monopólio. A meu ver, nada é mais conforme com os princípios da liberdade de comércio do que as sociedades por ações! Tocar nisso é querer responsabilizar-se pelo capital e pelos lucros, o que é estúpido. Em todo negócio, os lucros são proporcionais aos riscos! Que importa ao Estado o modo pelo qual se obtém o movimento rotatório do dinheiro, contanto que ele se mantenha numa atividade perpétua! Que importa quem seja rico ou quem seja pobre, se há sempre a mesma quantidade de ricos tributáveis? De resto, já lá vão vinte anos que as sociedades por ações, as comanditas, bônus sob todas as formas estão em uso no país mais comercial do mundo, na Inglaterra, onde tudo é motivo de controvérsia, onde as Câmaras põem mil ou mil e duzentas leis por sessão, e onde nunca um membro do Parlamento se ergueu para falar contra o método...

— ... curativo dos cofres cheios, e pelos vegetais! — concluiu Bixiou. — Os *bananas*!

— Como! — disse Couture inflamado. — Você tem dez mil francos, toma dez ações cada uma de *mil*, em dez empresas diferentes. Você é roubado



nove vezes... (Não é assim! O público é mais sabido do que quem quer que seja! Mas suponho) uma única empresa triunfa! (Por acaso. De acordo! Foi sem querer! Pois sim, podem fazer troça.) Pois bem, o *ponto*, bastante cauteloso para ter assim dividido seus haveres, topa com uma soberba colocação de dinheiro, como aconteceu com os que compraram ações das minas de Wortschin. Confessemos aqui entre nós que as pessoas que gritam são hipócritas desesperadas por não terem tido nem ideia de um negócio nem o poder de proclamar nem habilidade de o explorar. A prova não se fará esperar. Dentro em pouco, vocês verão a aristocracia, a gente da Corte, os ministeriais descendo em colunas compactas para a especulação, e avançando mãos de mais unhas e inventando ideias mais tortuosas do que as nossas, sem que tenham nossa superioridade. Que cabeça é preciso ter para fundar uma empresa numa época em que a atividade do acionista iguala a do inventor! Que grande magnetizador deve ser o homem que cria um Claparon, que encontra expedientes novos! Querem saber a moral disto? Nosso tempo não vale mais do que nós! Vivemos numa época de avidez em que não nos preocupamos com o valor da coisa, se ela proporciona lucros a quem a passa para o vizinho; e passa-se a coisa para o vizinho porque a avidez do acionista que crê num lucro é igual à do fundador que lhe propõe.

— Como é belo, este Couture, como é belo! — disse Bixiou a Blondet. — Ele vai pedir que lhe ergam estátuas como a um benfeitor da humanidade.

— Seria preciso levá-lo a concluir que o dinheiro dos trouxas é, por direito divino, patrimônio dos homens de espírito — disse Blondet.

— Senhores — replicou Couture —, riamos aqui pela seriedade que deveremos conservar, quando ouvimos falar das respeitáveis asneiras que as leis feitas do pé para a mão consagram.

— Ele tem razão. Que tempo, senhores — disse Blondet —, este em que assim que o fogo da inteligência aparece, apressadamente o apagam pela aplicação de uma lei de emergência. Os legisladores, vindos quase todos

de uma pequena circunscrição onde estudaram a sociedade pelos jornais, encerram então o fogo dentro da máquina. Quando esta arrebenta, aí vêm os prantos e o ranger de dentes! Um tempo no qual não se fazem senão leis fiscais e penais! Querem saber qual é o grande lema do que se está passando? *Não há mais religião no Estado.*

— Ah! bravo, Blondet! — disse Bixiou. — Puseste o dedo na ferida da França, o Fisco, que alienou mais conquistas da nossa terra do que os vexames da guerra. No ministério em que fui galeriano durante sete anos, acolherado com burgueses, havia um funcionário, homem de talento, o qual resolvera mudar todo o sistema das finanças... Ah! pois sim, sapecamos-lhe uma ducha de água fria. A França iria ficar muito feliz, iria divertir-se em reconquistar a Europa, e agimos pelo repouso das nações. Matei esse Rabourdin com uma caricatura!

— Quando digo a palavra *religião*, não quero dizer com isso uma patacoada; interpreto o termo como grande político — disse Blondet.

— Explica-te — pediu Finot.

— Aqui está — continuou Blondet. — Muito se falou nos negócios de Lyon, ] da república canhoneada nas ruas; ninguém disse a verdade. A república apoderara-se do motim como um insurrecto se apodera de uma espingarda. A verdade eu a dou a vocês, como esquisita e profunda. O comércio de Lyon é um comércio sem alma, que não faz fabricar um palmo de seda sem que tenha sido encomendado e sem que o pagamento seja garantido. Quando as encomendas param, o operário morre de fome, e quando trabalha ganha apenas com que viver; os forçados são mais felizes do que ele. Depois da Revolução de Julho, a miséria chegou ao ponto que esses *canuts* hastearam o pendão: *Pão ou a morte!* Uma dessas proclamações que o governo deveria ter estudado, e que era provocada pela carestia da vida em Lyon. Lyon quer construir teatros e tornar-se uma capital, daí taxas aduaneiras insensatas. Os republicanos farejaram essa revolta a propósito do pão e organizaram os *canuts*, os quais duelaram por

partidas dobradas. Lyon teve os seus três dias, mas a ordem se restabeleceu, e o *canut* voltou para o seu pardieiro. O *canut*, até então *probo*, restituindo em tecido a seda que lhe pesavam em novelos, pôs a probidade na rua, lembrando-se de que os negociantes o exploravam, e engraxou os dedos: devolveu peso por peso, mas vendeu a seda representada pelo óleo e o comércio da seda francesa foi infestado de tecidos gordurosos, o que poderia ter acarretado a perda de Lyon e a de um dos ramos do comércio francês. Os fabricantes e o governo, em vez de suprimirem a causa do mal, fizeram, como certos médicos, recolher o mal por meio de um tópico violento. Deviam ter mandado a Lyon um homem hábil, um desses tipos denominados imorais, um padre Terray, — mas viram o lado militar! As perturbações produziram pois os “*gros de Nápoles*” a dois francos a ana. Esses “*gros de Nápoles*” são hoje, pode-se dizer, vendidos e os fabricantes inventaram sem dúvida não sei que meio de controle. Esse sistema de fabricação sem previdência tinha de acontecer num país onde Richard Lenoir, — um dos maiores cidadãos que a França teve, arruinou-se por ter feito seis mil operários trabalharem, independente de encomendas, por tê-los alimentado e por ter encontrado ministros suficientemente estúpidos para deixá-lo sucumbir na revolução que 1814 fez no preço dos tecidos. Eis o único caso em que um negociante merece uma estátua. Pois bem, esse homem é hoje alvo de uma subscrição sem subscritores, ao passo que deram um milhão aos filhos do general Foy. — Lyon é conseqüente: conhece a França, não tem nenhum sentimento religioso. A história de Richard Lenoir é um desses erros que Fouché achava piores do que um crime.

— Se no modo por que se apresentam os negócios — disse Couture, voltando ao ponto em que se achava antes da interrupção — há laivos de charlatanismo, termo que se tornou depreciativo e posto a cavaleiro sobre o muro de separação do justo e do injusto, pois, pergunto eu, onde começa e onde acaba o charlatanismo, e o que é o charlatanismo? Tenham a

bondade de dizer-me quem não é charlatão? Vejamos! Vejamos! Um pouco de boa-fé, o mais raro ingrediente social! O comércio que consistiria em ir buscar de noite o que se venderia de dia seria um contrassenso. Um vendedor de fósforos tem o instinto de açambarcamento. Monopolizar a mercadoria é o pensamento do lojista da Rue Saint-Denis, *considerado* o mais virtuoso, como do especulador *tido como* o mais descarado. Quando os armazéns estão cheios, há necessidade de vender. Para vender é preciso entusiasmar o freguês, daí a tabuleta da Idade Média e o prospecto de hoje! Entre atrair a clientela e forçá-la a entrar, a consumir, não vejo a diferença de um cabelo! Pode acontecer, deve acontecer, acontece amiúde que negociantes adquiram mercadorias avariadas, porque o vendedor engana incessantemente o comprador. Pois bem, consultem as mais honradas pessoas de Paris, os comerciantes notáveis, enfim!... Todos lhes contarão triunfalmente as manhas que então inventaram para dar saída às suas mercadorias, quando lhas venderam de má qualidade. A famosa casa Minard começou com vendas dessa espécie. A Rue Saint-Denis não nos vende senão vestidos de seda engordurados, pois não pode fazer outra coisa. Os mais virtuosos negociantes lhes dirão com o ar mais cândido esta expressão da mais desenfreada improbidade: “*A gente se livra de um mau negócio como pode*”. Blondet fez-lhes ver os negócios de Lyon nas suas causas e nas suas consequências; eu vou à aplicação da minha teoria por uma anedota. Um artesão em lã, ambicioso e crivado de filhos por uma mulher muito amada, crê na República. Compra lã encarnada e fabrica esses barretes de lã, tricotados, que vocês devem ter visto na cabeça de todos os garotos de Paris, e já vão saber por quê. A República foi vencida. Depois do caso de Saint-Méry, | os barretes tornaram-se invendíveis. Quando um obreiro se vê em casa com mulher, filhos e dez mil barretes de lã encarnada, recusados pelos chapeleiros de qualquer tendência, passam-lhe pela cabeça tantas ideias quantas podem afluir à de um banqueiro embuchado

com dez milhões de ações por colocar num negócio do qual desconfia. Querem saber o que fez o obreiro, esse Law de arrabalde, esse Nucingen dos barretes? Foi em busca de um dândi de botequim, um desses malandros que são o desespero dos guardas civis nos bailes campestres das Barrières, e pediu-lhe que representasse o papel de um capitão americano, negociante de pacotilhas, hospedado no Hôtel Maurice, *desejoso* de adquirir dez mil barretes de lã encarnada, na casa de um rico chapeleiro que ainda tinha um no seu mostrador. O chapeleiro fareja um negócio com o americano, corre à casa do obreiro e se atira, dinheiro à vista, sobre os barretes. Compreendem: necas de capitão americano, mas um montão de barretes. Atacar a liberdade comercial por causa desses inconvenientes seria atacar a Justiça sob pretexto de que há delitos que ela não pune, ou acusar a sociedade de ser mal organizada por causa das desgraças que ela engendra. Dos barretes e da Rue Saint-Denis às ações e aos bancos, concluam!

— Couture, uma coroa! — disse Blondet pondo o guardanapo enrolado na cabeça dele. — Vou mais longe, meus amigos. Se há um vício na teoria atual, de quem é a culpa? Da lei! Da lei tomada em seu sistema completo, da legislação! Desses grandes homens de circunscrição que a província manda recheados de ideias morais, ideias indispensáveis para o encaminhamento da vida menos em caso de luta contra a Justiça, mas estúpidas desde que impeçam um homem de elevar-se à altura em que se deve manter um legislador. Embora as leis proíbam às paixões tal ou tal desenvolvimento (o jogo, a loteria, as Ninons de esquina, tudo o que quiserem), jamais as extinguirão. Matar as paixões seria matar a sociedade, a qual, se não as engendra, pelo menos as desenvolve. Assim é que, se dificultam por meio de restrições o desejo de jogar, que jaz no fundo de todos os corações, na jovem, no homem da província do mesmo modo que no diplomata, porquanto todos almejam uma fortuna *gratis*, o jogo se exerce imediatamente em outras esferas. Suprimam

estupidamente a loteria, nem por isso as cozinheiras roubam menos aos patrões; levam seu roubo a uma poupança, e para elas as apostas serão de duzentos e cinquenta francos, em vez de dois francos, porque as ações industriais, as comanditas tornam-se loteria, jogo sem tapete, mas com uma pá invisível e um empate calculado. Os jogos estão suprimidos, a loteria não existe mais, eis a França bem mais moral, clamam os imbecis, como se tivessem suprimido os apostadores! Continua-se jogando! Apenas os lucros não vão mais para o Estado, o qual substitui um imposto pago com prazer por outro incomodativo, sem diminuir os suicídios, porquanto o jogador não morre, morre sua vítima! Não lhes falo dos capitais perdidos no estrangeiro pela França nem das loterias de Frankfurt, contra cujos vendedores ambulantes a Convenção decretara a pena de morte e a que se dedicavam os procuradores síndicos! Eis o sentido da tola filantropia do nosso legislador. O incentivo dado às poupanças é uma grande asneira política. Suponham uma inquietação qualquer sobre a marcha dos negócios; o governo terá criado *a fila do dinheiro*, como durante a Revolução criaram *a fila do pão*. Tantas caixas, tantos motins. Se num canto três garotos hasteiam uma única bandeira, aí está uma revolução. Esse perigo, porém, por maior que possa ser, parece-me menos de temer do que o da desmoralização do povo. Uma poupança é a inoculação dos vícios engendrados pelo interesse, a pessoas que nem a educação nem o raciocínio retêm nas suas combinações tacitamente criminosas. E aí estão os efeitos da filantropia!... Um grande político deve ser um celerado abstrato, sem o qual as sociedades são mal dirigidas. Um político, homem de bem, é uma máquina a vapor que sente, ou um piloto em transes de amor ao leme: o navio vai a pique. Um primeiro-ministro que engole cem milhões e torna a França grande e gloriosa não é preferível a um ministro enterrado à custa do Estado mas que arruinou seu país? Entre Richelieu, Mazarin, Potemkin, todos três possuidores, em cada época, de trezentos milhões, e o virtuoso Robert Lindet, que não

soube tirar partido nem dos assinados nem dos bens nacionais, ou os virtuosos imbecis que perderam Luís xvi, vocês hesitariam? Prossegue, Bixiou.

— Não lhes explicarei — recomeçou Bixiou — a natureza do empreendimento inventado pelo gênio financeiro de Nucingen, pois seria tanto mais inconveniente por existir ainda hoje; suas ações são cotadas na Bolsa. As combinações eram tão reais, o objeto da empresa tão vivaz, que, criadas com o capital nominal de mil francos, estabelecidas por uma ordenança real, baixadas a trezentos francos, subiram a setecentos e chegarão ao par depois de terem atravessado as tormentas dos anos 27, 30 e 32. A crise financeira de 1827 fê-las afrouxar, a Revolução de Julho abateu-as, mas o negócio tem realidades no ventre (Nucingen não poderia inventar um mau negócio). Finalmente, como várias casas bancárias de primeira ordem participaram dela, não seria parlamentar entrar em maiores detalhes. O capital nominal foi de dez milhões, o capital real de sete, três milhões pertenciam aos fundadores e aos banqueiros encarregados da emissão das ações. Tudo foi calculado para fazer com que as ações nos seis primeiros meses chegassem a ganhar duzentos francos, pela distribuição de um dividendo falso. Portanto, vinte por cento sobre dez milhões. O interesse de Du Tillet foi de quinhentos mil francos. No vocabulário financeiro, esse bolo chama-se *a parte do glutão!* Nucingen propunha-se operar, com os seus milhões feitos de um caderno de papel cor-de-rosa com auxílio de uma pedra litográfica, bonitas pequenas ações para serem colocadas, preciosamente guardadas no seu gabinete. As ações reais iam servir para fundar o negócio, comprar um palacete magnífico e começar as operações. Nucingen tinha ainda ações em não sei que minas de chumbo argentífero, em minas de carvão e em dois canais, ações beneficiárias concedidas pela apresentação dessas quatro empresas em plena atividade, superiormente organizadas e preferidas, por causa do dividendo tirado do capital. Nucingen podia contar com um ágio se as

ações subissem, mas o barão não o levou em conta nos seus cálculos, deixava-o à flor da água, na praça, a fim de atrair os peixes! Tinha pois reunido os seus valores, como Napoleão reunia as suas tropas, a fim de liquidar a crise que se esboçava e que revolucionou, em 26 e 27, as praças europeias. Se ele tivesse tido seu príncipe de Wagram, teria podido dizer como Napoleão do alto do Santon: “Examine bem o lugar; a tal dia e em tal hora haverá aí fundos espalhados!”. Mas a quem podia ele confiar-se? Du Tillet não suspeitou seu compadrio involuntário. As duas primeiras liquidações tinham demonstrado ao nosso poderoso barão a necessidade de ligar a ele um homem que lhe pudesse servir de trombeta para agir sobre o credor. Nucingen não tinha sobrinho, não se animava a tomar um confidente, precisava de um homem dedicado, um Claparon inteligente, dotado de boas maneiras, um verdadeiro diplomata, um homem digno de ser ministro e digno dele Nucingen. Semelhantes ligações não se fazem num dia nem num ano. Rastignac tinha sido tão bem enredado pelo barão que, como o príncipe da Paz, que era tão querido pelo rei como pela rainha da Espanha, julgava ter conquistado em Nucingen uma preciosa vítima. Depois de ter rido de um homem cujo alcance durante muito tempo ignorou, acabara tributando-lhe um culto grave e sério reconhecendo nele a força que julgava ser o único a possuir. Desde sua estreia em Paris, Rastignac fora levado a desprezar a sociedade toda. Desde 1820, ele pensava como o barão que existem apenas aparências de homem de bem, e considerava o mundo como a reunião de todas as corrupções, de todas as patifarias. Se admitia exceções, condenava a massa: não acreditava em nenhuma virtude, mas em circunstâncias nas quais o homem é virtuoso. Essa ciência foi coisa de um momento; foi adquirida no alto do Père-Lachaise, no dia em que para lá conduziu um pobre homem de bem, o pai de sua Delfina, morto ludibriado pela nossa sociedade, homem dos sentimentos mais verdadeiros, e abandonado pelas filhas e pelos genros. Resolveu enganar toda essa



sociedade, e de nela se manter em grande uniforme de virtude, de probidade e de belas maneiras. O egoísmo armou aquele jovem nobre dos pés à cabeça. Quando o rapaz encontrou Nucingen revestido com aquela mesma armadura, estimou-o, como na Idade Média, num torneio, um cavaleiro damasquinado da cabeça aos pés, montado num cavalo brabo, teria estimado seu adversário revestido e montado como ele. Mas deixou-se amolecer durante algum tempo nas delícias de Cápua. A amizade de uma mulher como a baronesa de Nucingen é de molde a fazer abjurar todo e qualquer egoísmo. Depois de ter sido enganada uma primeira vez nas suas afeições, por ter encontrado um maquinismo de Birmingham, como era o finado De Marsay, Delfina deve ter sentido, por um homem moço e cheio das religiões da província, uma atração sem limites. Essa ternura reagiu sobre Rastignac. Quando Nucingen pôs no amigo de sua mulher os arreios que todo explorador põe no seu explorado, o que aconteceu precisamente no momento em que ele estava meditando a sua terceira liquidação, confessou àquela sua situação, mostrando-lhe como um dever imposto pela intimidade, como uma reparação, o papel de compadre que o outro deveria representar. O barão julgou perigoso iniciar seu colaborador conjugal no seu plano. Rastignac acreditou numa desgraça e o barão deixou-o crer que estava salvando a casa. Mas, quando uma meada tem tantos fios, nela se formam nós; Rastignac teve receio pela fortuna de Delfina: ele estipulou a independência da baronesa, exigindo uma separação de bens, jurando a si mesmo saldar sua conta com ela, triplicando-lhe a fortuna. Como Eugênio não falava de si mesmo, Nucingen suplicou-lhe que aceitasse, no caso de êxito completo, vinte e cinco ações de mil francos cada uma, nas minas de chumbo argentífero, que Rastignac aceitou para não ofendê-lo! Nucingen tinha instruído Rastignac na véspera do serão no qual nosso amigo dissera a Malvina que se casasse. Ante o aspecto das cem famílias felizes que iam e vinham por Paris, tranquilas quanto à sua fortuna, os Godofredo de Beaudenord, os

D'Aldrigger, os D'Aiglemont etc., Rastignac sentiu um arrepio como um jovem general que pela primeira vez contempla seu exército antes da batalha. A pobre da pequena Isaura e Godofredo, brincando de amor, não estavam representando Ácis e Galateia sob o rochedo que o gordo Polifemo vai fazer cair em cima deles?...

— Este símio do Bixiou quase que tem talento — disse Blondet.

— Ah! Não estou então mais com pernosticismos! — disse Bixiou gozando seu triunfo e olhando seus ouvintes surpreendidos. — Fazia dois meses — continuou ele após a interrupção — que Godofredo se entregava a todas as pequenas alegrias de um homem que vai se casar. Nessas condições todos se assemelham a esses pássaros que fazem ninho na primavera, vão e vêm, apanhando pedacinhos de palha, levam-nos no bico e acolchoam o domicílio de seus ovos. O futuro de Isaura alugara à Rue de la Planche um pequeno palacete de mil escudos, cômodo, decente, nem muito grande nem muito pequeno. Ele ia todas as manhãs ver os operários trabalhar, e superintender as pinturas. Tinha introduzido na casa o *comfort*, a única coisa boa que existe na Inglaterra: calorífero para manter uma temperatura igual em toda a casa; mobiliário bem escolhido, nem brilhante demais nem demasiado elegante; cores frescas e suaves para os olhos, estores interiores e exteriores em todas as janelas: baixela de prata, carros novos. Fizera arranjar a estrebaria, a selaria, as cocheiras onde Toby, Joby, Paddy se azafamava e remexia como uma marmota solta, parecendo muito feliz por saber que haveria mulheres em casa e uma *lady*! Essa paixão do homem que monta casa, que escolhe relógios, que vai à casa da futura com os bolsos cheios de amostras de fazenda, consulta-a a respeito da mobília do quarto de dormir, que vai, vem, caminha, quando vai, vem e caminha animado pelo amor, é uma das coisas que mais alegam um coração honesto e principalmente os fornecedores. E como nada agrada mais à sociedade do que o casamento de um bonito rapaz de vinte e sete anos com uma encantadora jovem de vinte que dança bem,

Godofredo, embaraçado por causa dos presentes de noivado, convidou Rastignac e a sra. de Nucingen para almoçar, a fim de os consultar sobre esse assunto importante. Teve a excelente ideia de convidar seu primo D'Aiglemont e a esposa, assim como a sra. de Sérisy. As damas da alta-roda gostam bastante de se distrair uma vez por acaso em casa de rapazes solteiros, e lá almoçar.

— É seu modo de fazer gazeta — disse Blondet.

— Deviam ir ver, na Rue de la Planche, o pequeno palacete dos futuros esposos — disse Bixiou. — As mulheres para essas pequenas expedições são como o papão pela carne fresca, refrescam assim seu presente por essa jovem alegria que não está ainda maculada pelo gozo. A mesa foi posta no pequeno salão que, para o enterro da vida de solteiro, foi enfeitado como um cavalo de cortejo. O almoço foi encomendado de modo a apresentar esses lindos pratinhos que as mulheres gostam de comer, de mastigar, de chupar pela manhã, momento em que elas sentem um apetite espantoso, sem querer confessá-lo, por parecer-lhes que se comprometem se disserem: “Estou com fome!”. “E por que sozinho?”, perguntou Godofredo ao ver Rastignac. “A sra. de Nucingen está triste, eu te contarei tudo”, respondeu Rastignac, que apresentava a atitude de um homem contrariado. “Uma ruptura?”, exclamou Godofredo. “Não”, disse Rastignac. Às quatro horas, tendo as mulheres voado para o Bois de Boulogne, Rastignac ficou no salão e olhou melancolicamente pela janela Toby, Joby, Paddy, que estava audaciosamente diante do cavalo atrelado ao tálburi, de braços cruzados como Napoleão; o menino não o podia dominar pela rédea senão com sua voz esguiçada, e o cavalo temia Joby, Toby. “Mas, então, que tens tu, meu caro amigo?”, perguntou Godofredo a Rastignac, “estás sombrio, inquieto, tua alegria não é franca. A felicidade incompleta repuxa-te a alma! É de fato muito triste não ser casado na *mairie* e na Igreja com a mulher que se ama.” “Tens coragem, meu caro, para ouvir o que tenho a dizer-te, e saberás até que ponto é preciso que se

queira a uma pessoa para cometer a indiscrição de que me vou tornar culpado?”, disse-lhe Rastignac com esse tom que parece uma chicotada. “Que há?”, disse Godofredo empalidecendo. “Eu estava triste pela tua alegria, e não tenho coragem, ao ver todos esses preparativos, essa felicidade em flor, de guardar semelhante segredo.” “Dize-o em três palavras.” “Jura-me pela tua honra que a respeito disto serás mudo como um túmulo.” “Como um túmulo.” “Que, se um dos teus parentes estivesse interessado nesse segredo, ele não o saberia.” “Não.” “Pois bem! Nucingen seguiu esta noite para Bruxelas; é preciso depor se não se quer liquidar. Delfina acaba de pedir esta manhã, ao tribunal, sua separação de bens. Ainda podes salvar tua fortuna.” “Como?”, disse Godofredo sentindo o sangue gelar-se-lhe nas veias. “Escreve muito simplesmente ao barão de Nucingen uma carta antedatada de quinze dias, na qual lhe dás ordem para empregar todos os teus fundos em ações (e citou-lhe a sociedade Claparon). Tens quinze dias, um mês, três meses, talvez, para vendê-los acima do preço atual, pois elas subirão ainda.” “Mas D’Aiglemont, que almoçou conosco, D’Aiglemont, que tem um milhão na Casa Nucingen!” “Escuta, não sei se existe um número suficiente dessas ações para cobri-lo, e, ademais, não sou amigo dele, não posso trair os segredos de Nucingen, não deves falar ao teu primo. Se disseres uma palavra, terás de responder-me pelas consequências.” Godofredo permaneceu dez minutos na mais perfeita imobilidade. “Aceitas? Sim, ou não?”, disse-lhe implacavelmente Rastignac. Godofredo tomou uma pena, escreveu e assinou a carta que Rastignac lhe ditou. “Meu pobre primo!”, exclamou. “Cada qual por si”, disse Rastignac. “Este está no papo”, acrescentou ele ao deixar Godofredo. Enquanto Rastignac manobrava em Paris, eis o aspecto que apresentava a Bolsa. Tenho um amigo da província, um animal, que, de passagem pela Bolsa, entre quatro e cinco horas, me perguntou o motivo daquele ajuntamento de pessoas a conversar, que iam e vinham, o que é que podiam dizer umas às outras, e por que motivo

aqueles passeios depois da irrevogável fixação dos valores dos papéis: “Meu amigo”, disse-lhe eu, “eles comeram e estão digerindo; durante a digestão, batem boca a respeito do vizinho; sem isso não há segurança comercial em Paris. Aí se fazem os negócios, e há certos homens, Palma, — por exemplo, cuja autoridade é semelhante à de Sinard — na Academia Real de Ciências. Ele diz que se faça a especulação e a especulação se faz!

— Que homem, senhores — disse Blondet —, esse judeu que possui uma instrução, não universitária, mas universal. Nele a universidade não exclui a profundidade; o que ele sabe, sabe-o a fundo; seu gênio em matéria de negócios é intuitivo; é o grande referendário dos lances que dominam a praça de Paris, os quais não fazem um empreendimento senão depois de Palma o ter examinado. Ele é grave, ouve, estuda, reflete e diz ao seu interlocutor que, tendo em vista sua atenção, julga-o seduzido: “Isso não me serve”. O que acho mais extraordinário é que, depois de ter estado dez anos associado a Werbrust, nunca entre ambos se ergueu uma nuvem.

— Isso só acontece entre gente muito forte, ou então muito fraca; todos os que se acham entre as duas coisas brigam e não tardam em separar-se inimizados — disse Couture.

— Vocês compreendem — disse Bixiou — que Nucingen tinha sabiamente e com mão hábil atirado sob as colunatas da Bolsa um pequeno obus que explodiu ali pelas quatro horas. “Sabe de uma notícia grave?”, disse Du Tillet a Werbrust chamando-o para um canto, “Nucingen está em Bruxelas e a mulher dele apresentou ao tribunal um pedido de separação de bens.” “Será você um compadre para a liquidação?”, perguntou Werbrust, sorrindo. “Deixe-se de tolices, Werbrust”, disse Du Tillet, “você conhece as pessoas que têm papéis dele; ouça-me, temos um negócio a combinar. As ações da nossa nova sociedade ganham vinte por cento, no fim do trimestre ganharão vinte e cinco, você sabe por quê; vai distribuir-se um dividendo magnífico.” “Finório!”, disse Werbrust, “siga,

siga a sua marchinha, você é um diabo de unhas longas e pontudas, que enterra na manteiga.” “Mas deixe-me falar, ou então não teremos tempo de agir. Acabo de ter uma ideia ao receber a notícia e, positivamente, vi a sra. de Nucingen debulhada em lágrimas, temerosa por causa da sua fortuna.” “Pobre pequena!”, disse Werbrust com ar irônico. “E então?”, perguntou o antigo judeu da Alsácia, interrogando o amigo que se calara. “Pois bem! Tenho em casa mil ações de mil francos que Nucingen me entregou para colocar, compreende?” “Bom!” “Compremos a dez, a vinte por cento de abatimento, letras da Casa Nucingen pelo valor de um milhão, teremos sobre elas um bom lucro, porque seremos credores e devedores, e a confusão se produzirá! Mas operemos com sutileza, pois do contrário os detentores poderiam pensar que estamos manobrando pelos interesses de Nucingen.” Werbrust compreendeu então a esperteza proposta e apertou a mão de Du Tillet, dirigindo-lhe o olhar de uma mulher que faz uma picuinha a outra. “Que me dizem, sabem da novidade?”, disse-lhes Martim Falleix, “a Casa Nucingen suspende pagamentos!” “Ora”, replicou-lhe Werbrust, “não divulgue isso, deixe que os que têm letras dela façam seus negócios.” “Sabem qual a causa do desastre?”, disse Claparon intervindo. “O que és tu, nada sabes”, disse-lhe Du Tillet, “não haverá o menor desastre, haverá pagamento integral. Nucingen recomeçará os negócios e encontrará tantos fundos quantos quiser em minha casa. Conheço o motivo da suspensão: ele dispôs de todos os seus capitais em favor do México, que lhe devolve metais, canhões espanhóis fundidos tão estupidamente que há neles ouro, sinos, prataria de igrejas, todas as demolições da monarquia espanhola nas Índias. A volta desses valores está demorando. O caro barão está apertado, eis tudo.” “É verdade”, disse Werbrust, “eu compro valores dele com vinte por cento de desconto.” A notícia circulou desde então com a rapidez do fogo numa meda de palha. Diziam-se as coisas mais contraditórias. Havia, porém, uma tal confiança na Casa Nucingen, sempre por causa das duas

liquidações precedentes, que todos guardavam os valores Nucingen. “É preciso que Palma nos dê uma ajuda”, disse Werbrust. Palma era o oráculo dos Keller, que estavam empanturrados de valores Nucingen. Uma palavra de alarme dita por ele era o quanto bastava. Werbrust obteve de Palma que ele desse um toque de rebate. No dia seguinte o alarme reinava na Bolsa. Os Keller, aconselhados por Palma, cederam seus valores com dez por cento de abatimento, e fizeram lei na Bolsa: sabia-se serem eles muito espertos. Taillefer deu então trezentos mil francos a vinte por cento, e Martim Falleix, duzentos e cinquenta mil a quinze por cento. Gigonnet adivinhou o golpe! Exacerbou o pânico a fim de conseguir valores Nucingen para ganhar uns dois ou três por cento cedendo-os a Werbrust. Viu num canto da Bolsa o pobre Matifat, que tinha trezentos mil francos na Casa Nucingen. Não foi sem estremecer que o droguista pálido e lívido viu o terrível Gigonnet, o corretor do seu antigo bairro, dirigindo-se para ele a fim de o serrar em duas porções. “Isto vai mal, a crise se esboça. Nucingen está fazendo combinações! Mas isso pouco se lhe dá, tio Matifat, pois o senhor está retirado dos negócios.” “Pois se engana, Gigonnet; fui pilhado em trezentos mil francos com os quais eu queria operar nas rendas da Espanha.” “Eles estão salvos, as rendas da Espanha lhe teriam engolido tudo, ao passo que eu lhe darei alguma coisa pela sua conta na Casa Nucingen, digamos uns cinquenta por cento.” “Prefiro ver chegar a liquidação”, respondeu Matifat, “nunca um banqueiro deu menos de cinquenta por cento. Ah! se se tratasse somente de uns dez por cento de prejuízo...”, disse o antigo droguista. “Pois bem, quer quinze por cento?”, perguntou Gigonnet. “Acho-o um tanto apressado”, disse Matifat. “Boa tarde, disse Gigonnet”. “Quer a doze?” “Seja”, disse Gigonnet.

À noite tinham sido comprados dois milhões e dados em balanço na Casa Nucingen por Du Tillet, por conta daqueles três associados fortuitos, que no dia seguinte receberam sua percentagem. A velha, bonita e

pequena baronesa d'Aldrigger estava almoçando com as duas filhas e Godofredo quando Rastignac, com ar diplomático, veio entabular conversação sobre a crise financeira. O barão de Nucingen tinha uma viva afeição pela família D'Aldrigger; havia arrumado as coisas, para, em caso de desgraça, cobrir a conta da baronesa com os seus melhores valores, ações nas minas de chumbo argentífero; mas, para maior segurança da baronesa, ela devia pedir-lhe para empregar os fundos daquele modo. “Esse pobre Nucingen!”, disse a baronesa. “Que foi que lhe aconteceu?” “Ele está na Bélgica; a mulher pediu uma separação de bens; mas ele foi buscar recursos com alguns banqueiros.” “Meu Deus! Isso me lembra meu pobre marido! Caro sr. Rastignac, como isso o deve fazer sofrer, ao senhor que é tão dedicado àquela casa.” “Contanto que todos os indiferentes fiquem resguardados, seus amigos serão recompensados mais tarde; ele sairá desse mau passo, é um homem hábil.” “Um homem de bem, sobretudo”, disse a baronesa.

Ao cabo de um mês, a liquidação do passivo da Casa Nucingen estava feita, sem outros processos além das cartas por meio das quais os interessados pediam o emprego do seu dinheiro em valores designados e sem outras formalidades por parte das casas bancárias a não ser a entrega de valores Nucingen em troca de ações que estavam tendo procura. Enquanto Du Tillet, Werbrust, Claparon, Gigonnet e algumas pessoas que se julgavam espertas faziam voltar do estrangeiro, com um por cento de prêmio, os valores da Casa Nucingen, porque ainda ganhavam na troca com ações que estavam subindo, o rumor era tão grande na praça de Paris que ninguém tinha mais o que temer. Tagarelavam sobre Nucingen, examinavam-no, julgavam-no, achavam meio de caluniá-lo! Seu luxo! Suas empresas! Quando um homem faz coisas dessas, ele mergulha etc. etc. No auge desse *tutti*, algumas pessoas ficaram admiradas ao receber cartas de Genebra, de Basileia, de Milão, de Nápoles, de Gênova, de Marselha, de Londres, nas quais seus correspondentes avisavam, sem espanto, que lhes



ofereciam prêmios de um por cento pelos valores Nucingen, cuja falência elas lhes haviam anunciado. “Algo está acontecendo”, disseram os lincês. O tribunal pronunciara a separação de bens entre Nucingen e sua esposa. A questão complicou-se muito mais ainda: os jornais noticiaram a volta do sr. barão de Nucingen, o qual tinha ido pôr-se em entendimentos com um célebre industrial da Bélgica, para a exploração de antigas minas de carvão de pedra, então abandonadas, as fossas das matas de Bossuet. O barão reapareceu na Bolsa, sem sequer dar-se o trabalho de desmentir os murmúrios caluniadores que haviam circulado sobre a sua casa; não se dignou reclamar por intermédio dos jornais e comprou por dois milhões uma magnífica propriedade sita às portas de Paris. Seis semanas depois, o jornal de Bordeaux noticiou a entrada no rio de dois navios com um carregamento de metais, por conta da Casa Nucingen, no valor de sete milhões. Palma, Werbrust e Du Tillet compreenderam que a trama tinha sido feita, mas eles foram os únicos a compreender. Esses alunos estudaram a encenação desse golpe financeiro, reconheceram que estava preparado fazia onze meses, e proclamaram Nucingen o maior financista europeu. Rastignac nada entendeu do assunto, mas tinha ganho quatrocentos mil francos que Nucingen lhe deixara tosar nas ovelhas parisienses, e com os quais dotou as duas irmãs. D’Aiglemont, avisado por seu primo Beaudenord, fora suplicar a Rastignac para que aceitasse dez por cento do seu milhão, se este lhe conseguisse o emprego desse dinheiro em ações de um canal que ainda está por fazer, porque Nucingen embrulhou tão magistralmente o governo nesse negócio, que os concessionários do canal têm interesse em não concluí-lo. Carlos Grandet implorou ao amante de Delfina que lhe fizesse trocar seu dinheiro por ações. Finalmente, Rastignac representou durante dez dias o papel de Law, solicitado pelas mais belas duquesas para que lhes desse ações, e hoje o rapaz pode ter quarenta mil francos de renda cuja origem vem das ações das minas de chumbo argentífero.

— Se todos ganharam, quem foi então que perdeu? — perguntou Finot.

— Conclusão — disse Bixiou —: engodados pelo pseudodividendo que receberam alguns meses depois da troca do seu dinheiro por ações, o marquês d'Aiglemont e Beaudenord conservaram-nas (cito-os por todos os demais); tinham três por cento a mais dos seus capitais, entoaram louvores a Nucingen, e defenderam-no no momento preciso em que ele foi suspeitado de suspender pagamentos. Godofredo desposou sua querida Isaura e recebeu tanto como cem mil francos de ações das minas. Por ocasião desse casamento, os Nucingen deram um baile cuja magnificência ultrapassou a ideia que dele se fazia. Delfina ofereceu à jovem noiva um encantador adereço de rubis. Isaura dançou, não mais como moça, mas como mulher feliz. A pequena baronesa mais do que nunca foi uma pastora dos Alpes. Malvina, a mulher de “Vistes em Barcelona?”, ouviu no meio do baile Du Tillet aconselhar-lhe secamente que fosse a sra. Desroches. Desroches, insuflado por Nucingen e Rastignac, tentou tratar dos negócios de interesse; mas, às primeiras palavras de ações de minas dadas em dote, rompeu, e virou-se para os Matifat. Na Rue du Cherche-Midi, o solicitador encontrou-se com as malditas ações dos canais que Gigonnet empurrara para Matifat em vez de lhe dar dinheiro. Vocês imaginam Desroches encontrando a pá de Nucingen sobre os dois dotes os quais ele apontara? As catástrofes não se fizeram esperar. A sociedade Claparon fez negócios em demasia, houve congestão de valores, ela deixou de servir os interesses e de dar dividendos, embora suas operações fossem excelentes. Essa desgraça combinou-se com os acontecimentos de 1827. Em 1829, Claparon era por demais conhecido para ser testa de ferro daqueles dois colossos, e ruiu do seu pedestal, indo ao chão. De mil e duzentos e cinquenta francos, as ações caíram a quatrocentos francos, embora intrinsecamente valessem seiscentos. Nucingen, que lhes conhecia o valor intrínseco, resgatou-as. A pequena baronesa d'Aldrigger vendera suas ações das minas que nada

rendiam, e Godofredo vendeu as de sua mulher pelo mesmo motivo. Assim como a baronesa, Godofredo trocara suas ações das minas pelas da sociedade Claparon. Suas dívidas forçaram-nos a vender em plena baixa. Do que lhes representava setecentos mil francos eles obtiveram duzentos e trinta mil. Fizeram sua liquidação e o resto foi prudentemente colocado no três por cento a 75. Godofredo, um rapaz tão feliz, sem preocupações, para quem bastava deixar-se viver, via-se sobrecarregado com uma mulherzinha burra como uma pata, incapaz de suportar o infortúnio, pois que ao cabo de seis meses ele se apercebera da transformação do objeto amado em uma ave; e, ademais, tem o peso de uma sogra sem pão que sonha com *toilettes*. As duas famílias juntaram-se a fim de poder subsistir. Godofredo foi obrigado a fazer intervir todas as suas proteções que se haviam esfriado, para conseguir um cargo de mil escudos no Ministério das Finanças. Os amigos?... nos balneários. Os parentes?... admirados, prometendo: *Como não, meu caro, conte comigo! Pobre rapaz!* Esquecidos de tudo daí a um quarto de hora. Beaudenord deveu seu posto à influência de Nucingen e de De Vandenesse. Essa gente tão estimável e tão infeliz mora hoje na Rue du Mont-Thabor, num terceiro andar acima do entressolo. A pérola neta dos Adolphus, Malvina, nada possui, dá lições de piano para não ser pesada ao cunhado. Escura, alta, delgada, seca, ela se assemelha a uma múmia fugida da casa Passalacqua, correndo a pé por Paris. Em 1830, Beaudenord perdeu o lugar, e a mulher deu-lhe um quarto filho. Oito patrões e dois criados (Wirth e sua mulher)! Receita: oito mil francos de renda. As minas dão hoje dividendos tão grandes que a ação de mil francos vale mil francos de renda. Rastignac e a sra. de Nucingen compraram as ações vendidas por Godofredo e pela baronesa. Nucingen foi feito par de França pela Revolução de Julho, e grande oficial da Legião de Honra. Conquanto não tenha feito liquidações desde 1830, ele tem uma fortuna, dizem, de dezesseis a dezoito milhões de francos. Prevendo com certeza as Ordenanças de Julho, ele vendera todos os seus fundos

e tornara a colocá-los audazmente, quando o três por cento chegou a 45; fez acreditar, no castelo, que o fazia por devotamento, e nessa época engoliu, com Du Tillet, três milhões daquele grande tratante Felipe Bridau! Ultimamente, ao passar pela Rue de Rivoli para ir ao Bois de Boulogne, nosso barão entreviu sob as arcadas a baronesa d'Aldrigger. A velhinha trazia uma capota verde forrada de cor-de-rosa, um vestido com flores, uma mantilha, enfim, era sempre e mais do que nunca uma pastora dos Alpes, porquanto não compreendeu melhor as causas de sua desgraça do que as causas de sua opulência. Ela se apoiava na pobre Malvina, modelo das dedicações heroicas, a qual tinha o ar de ser a velha mãe, ao passo que a baronesa parecia ser a jovem! E Wirth seguia-as com um guarda-chuva na mão. *“Eston ali chentes”*, disse o barão ao sr. Cointet, um ministro com o qual ele ia de passeio, *“que non pute facer fortuna teles. A tormenta de principios está acapata, coloque este popre Potenord.”* Beaudenord voltou para as finanças graças a Nucingen, que é exaltado pelos D'Aldrigger como um herói da amizade, porque ele sempre convida a pastorinha dos Alpes e as filhas para os seus bailes. É impossível a quem quer que seja neste mundo demonstrar como esse homem, por três vezes, e sem efração, quis roubar o público a quem enriqueceu, contra a vontade. Ninguém tem exprobação a fazer-lhe. Quem viesse a dizer que a alta finança é muitas vezes um covil de ladrões e assassinos cometeria a mais insigne calúnia. Se as mercadorias sobem e baixam, se os valores aumentam e se deterioram, esse fluxo e refluxo é produzido por um movimento mútuo, atmosférico, em relação com a influência da lua, e o grande Arago é culpado por não apresentar nenhuma teoria científica sobre esse importante fenômeno. Disto resulta unicamente uma verdade pecuniária que não vi escrita em parte alguma...

— Qual é ela?

— O devedor é mais forte do que o credor.

— Oh! — disse Blondet. — Quanto a mim, vejo no que dissemos a

paráfrase de um dito de Montesquieu, no qual ele concentrou *O espírito das leis*.

— O quê? — disse Finot.

— As leis são teias de aranha através das quais as moscas grandes passam, enquanto as pequenas são retidas.

— Aonde afinal queres chegar? — perguntou Finot a Blondet.

— Ao governo absoluto, o único no qual os cometimentos do espírito contra a lei possam ser reprimidos! Sim, o arbitrário salva os povos indo em auxílio da Justiça, porque o direito de perdão não tem avesso; o rei, que pode perdoar aquele que faz bancarrota fraudulenta, nada restitui à vítima despojada. A legalidade mata a sociedade moderna.

— Faze compreender isso aos eleitores! — disse Bixiou.

— Há alguém que se encarregou disso.

— Quem?

— O tempo. Como disse o bispo de Léon, se a liberdade é antiga, a realza é eterna: toda nação sã de espírito a ela voltará sob uma ou outra forma.

— Olha, havia gente aí ao lado — disse Finot ao ouvir-nos sair.

— Há sempre gente ao lado — respondeu Bixiou, que devia estar avinhado.

*Paris, novembro 1837*